



CRB

# REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

Ano VIII-N.º 87  
Setemb. de 1962

# Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil

## SUMÁRIO

DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS	345	● Generoso empenho das almas consagradas a Deus pelo feliz êxito do Concílio Ecumênico — Carta Apostólica de S. S. João XXIII às Religiosas.
	554	● Comunicações da Secretaria de Estado e da Sagr. Congregação dos Religiosos ao Exmo. Sr. Núncio Apostólico sôbre a VI Assembléa dos Superiores Maiores dos Religiosos e Religiosas do Brasil
FORMAÇÃO DAS RELIGIOSAS	555	● O Juniorato na formação das Religiosas — Pe. João Corso S.D.B.
A COMUNIDADE PAROQUIAL	573	● Dois tipos de Pastoral — Pe. Leão Douven C.Ss.R.
TEOLOGIA DS VOTOS	577	● Teologia da obediência e da autoridade segundo Pio XII — Pe. Bertrand de Margerie S. J.
VIDA ESPIRITUAL	583	● Os graus da contemplação — Pe. João Ev. Betting C.Ss.R.
APOSTOLADO HOSPITALAR	591	● Como cuidar da vida espiritual dos doentes nos hospitais — Pe. Calisto Vendrame M. I.
DEPARTAMENTOS DA C. R. B.	596	● Relações das crianças internas com o meio exterior — Irmã Maria Sérvula Barbosa, Congr. da Prov. de Gap.
CRÔNICA DOS RELIGIOSOS	600	● Primeiro Congresso Internacional das Vocações Eclesiásticas (Côn. Fernando Ribeiro), 600 ● Beato Vicente Pallotti será canonizado (Pe. Damião, S. A. C.), 602
		● Cursos sôbre Pastoral Vocacional no Rio Grande do Sul (Pe. Bertrand de Margerie S. J.), 604 ● Reunião de Religiosas Enfermeiras em Curitiba, 605 ● Semana de Estudo para Religiosas Enfermeiras em São Paulo, 605
		● Atividades da Secção Estadual de Santa Catarina, 606
BIBLIOGRAFIA		● 571, 575, 606

---

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil  
Av. Rio Branco, 131 - 9.<sup>o</sup> andar — Rio de Janeiro — Brasil  
Diretor Responsável: Pe. José Paulo Sales, C. M.

**GENEROSO EMPENHO DAS ALMAS CONSAGRADAS A DEUS PELO  
FELIZ ÊXITO DO CONCÍLIO ECUMÊNICO**

**Carta Apostólica de S. S. João XXIII às Religiosas (\* )**

A 2 de julho, festividade da Visitação de Maria SSma., o Santo Padre dirigiu uma Sua carta especial a tôdas as Religiosas, isto é, às Monjas de clausura e às Irmãs de tôdas as Congregações, como também aos membros dos Institutos Seculares femininos.

Na Exortação paternal o Augusto Pontífice pede a estas almas escolhidas e consagradas a Deus um fervor mais intenso e mais vigoroso na oração, no exemplo, no apostolado, a fim de obterem especialmente para a Igreja todo auxílio, luz e assistência de Deus na iminência do Concílio Ecumênico.

O templo máximo da cristandade prepara-se para acolher os Padres do Concílio Ecumênico Vaticano II. A 11 de Outubro iniciar-se-á a grande celebração, para a qual se dirigem a esperança e a oração de todos os católicos; podemos dizer a esperança de todos os homens de boa vontade. É esta uma hora solene na história da Igreja: trata-se de afervorar seu esforço, sempre em ato, de renovação espiritual, de modo que possa transmitir novo impulso às obras e às instituições de sua vida milenar.

O clero reza já em união conosco o Breviário de cada dia pelo feliz êxito do Concílio Ecumênico (1). Os leigos, várias vêzes convidados para oferecerem nessa intenção orações e sacrifícios — especialmente as crianças, os doentes, os velhos — correspondem com prontidão generosa. Todos querem prestar sua colaboração, para que o Concílio se transforme "como num novo Pentecostes" (2).

É natural que neste clima de preparação intensa se distingam aquelas que a Deus fizeram um total oferecimento de si mesmas, e se tornaram familiares ao exercício da oração e da caridade mais férvida.

Queridas filhas! A Igreja vos recolheu sob seu manto protetor, aprovou vossas Constituições, defendeu vossos direitos, beneficiou-se e ainda se beneficia de vossas obras. Mereceis, portanto, que a vós se apliquem, em expressão de gratidão por quanto até agora fizestes, e como voto muito feliz para o porvir, as palavras do Apóstolo Paulo: "Que Deus vos conceda uma espírito de sabedoria e revelação, para o conhecerdes profundamente!

\*) "L'Osservatore Romano", 8 de julho de 1963.

1) Exort. Ap. *Sacrae Laudis*, 6 de janeiro de 1962; A. A. S., LIV, (1960), pp. 66-75.

2) Oração para o Concílio; cfr. A. A. S., LI (1959), p. 832.

Que êle ilumine os olhos do vosso coração para compreenderdes qual a esperança a que vos chamou, quais as riquezas da gloriosa herança que reservou aos santos" (3).

Fazei objeto de consideração esta Carta; e, na palavra do humilde Vigário de Cristo, escutai quanto o Mestre Divino quererá sugerir a cada uma de vós. A preparação conciliar exige que as almas consagradas a Deus, segundo as formas aprovadas pela legislação canônica, pensem novamente com renovado fervor nos empenhos de sua vocação. Assim, a seu tempo, a resposta às deliberações do Concílio será pronta e generosa, preparada por um esforço mais intenso de santificação pessoal.

Para se obter que a vida consagrada a Deus corresponda cada vez melhor aos desejos do coração divino, é necessário que ela seja realmente: 1) vida de oração; 2) vida de exemplo; 3) vida de apostolado.

### I — Vida de oração

Nosso primeiro pensamento vai antes de tudo para as Monjas e as Irmãs de vida contemplativa e de penitência.

A 2 de fevereiro de 1961, festa da Apresentação de Jesus no templo, retransmitindo como presentes os círios recebidos naquele dia, dissemos: "A primeira destinação para as casas religiosas de mais rígida mortificação e penitência quer afirmar, ainda uma vez mais, a proeminência dos deveres do culto e da total consagração à vida de oração sôbre qualquer outra forma de apostolado e, ao mesmo tempo, sublinhar a grandeza e a necessidade das vocações para êste gênero de vida" (4). A Igreja estimulará sempre suas filhas que, para se conformarem num modo mais perfeito ao chamado do Divino Mestre, se entregam à vida contemplativa.

Isto corresponde a uma verdade universalmente válida, também para as Religiosas proeminentemente de vida ativa: isto é, que sômente a vida interior é fundamento e alma de todo apostolado. Meditai esta verdade vós tôdas, queridas filhas, justamente chamadas **quasi apes argumentosae**, porque no exercício contínuo das quatorze obras de misericórdia, em comunhão fraternal com outras co-irmãs. E também vós que sois consagradas a Deus nos Institutos Seculares, da oração deveis tirar tôda a eficácia dos vossos empreendimentos.

A vida oferecida a Deus tem dificuldades e sacrifícios como qualquer outra forma de convivência. E sômente a oração obtém o dom da perseverança alegre. As obras de bem, à quais vos dedicais, nem sempre são coroadas de êxito: vos esperam desilusões, incompreensões, ingratidões. Sem o auxílio da oração não poderíeis agüentar no áspero caminho. E não esqueçais que um dinamismo mal entendido poderia deixar-vos cair naquela "heresia da ação", reprovada pelos Nossos predecessores. Superado

3) Ef. 1, 15-18.

4) *Discorsi, Messaggi, Colloqui di Sua Santità Giovanni XXIII*, p. 143.

êste perigo, podereis ter a confiança de serdes realmente as cooperadoras

da salvação das almas, e acrescentareis merecimentos à vossa coroa.

Vós tôdas, entregues à vida contemplativa ou à vida ativa, compreendeis bem esta expressão: "**Vida de oração**". Não é ela mecânica repetição de fórmulas, mas é o meio insubstituível que permite entrar em intimidade com Deus, compreender melhor a dignidade de filhas de Deus, de espôsas do Espírito Santo, o "**dulcis hospes animae**", que fala a quem sabe escutar no recolhimento.

Vossa oração se alimente nas fontes de um conhecimento profundo da Sagrada Escritura, especialmente do Novo Testamento, e depois da Liturgia e do ensinamento da Igreja em tôda a sua plenitude. A Santa Missa quer ser o centro do dia, de modo que cada ação convirja para ela como preparação e agradecimento; a Santa Comunhão seja o alimento cotidiano que sustém, conforta, corrobora. Dêsse modo não correreis o perigo — como aconteceu às virgens loucas da parábola — de deixar faltar o azeite na lâmpada, e estareis sempre prontas para tudo; para a glória e a ignomínia, para a saúde e a doença, para prosseguir no trabalho e para morrer: "Eis que vem o espôso, saí ao encontro dêle" (5).

E aqui torna-se oportuno para vós o incitamento, mais vêzes repetido, às três devoções, que consideramos fundamentais também para os simples fiéis do laicato: "Para iluminar e estimular a adoração a Jesus nada melhor que meditá-lo e invocá-lo na tríplice luz do Nome, do Coração, do Sangue" (6).

O Nome, o Coração, o Sangue de Jesus; eis o alimento substancioso para uma sólida vida de piedade.

**Nomen Iesu!** Realmente "nil canitur suavius — nil auditur iucundius — nil cogitatur dulcius — quam Iesus Dei Filius: nada mais suave para se cantar, nada mais agradável de se ouvir, nada mais amável em se pensar, que Jesus, Filho de Deus" (7).

**Cor Iesu!** Pio XII de f. r., na Encíclica "Haurietis aquas" de 15 de maio de 1956, que recomendamos seja nova e atentamente meditada, assim ensina: "Se os argumentos, nos quais se baseia o culto tributado ao Coração traspassado de Jesus, forem devidamente ponderados, a cada um tornar-se-á claro que não se trata de uma qualquer prática de piedade, que seja lícito pospor a outras ou ter em menor conta, mas de uma forma de culto sumamente idôneo à consecução da perfeição cristã" (8).

**Sanguis Christil!** "É a nota mais alta do sacrifício redentor de Jesus, que mística e realmente se renova na Santa Missa, e dá o sentido e a orientação à vida cristã" (9).

5) Mt. 25, 6.

6) Discurso concludindo o Sinodo Romano; A. A. S., LII (1960), p. 305.

7) Hino das Vésperas da festa do SS. Nome de Jesus.

8) A. A. S., XLVIII (1956), p. 346.

9) Discurso à Família Religiosa do Preciosíssimo Sangue e aos membros do Sodalício, 2 de junho de 1962: cfr. "L'Osservatore Romano", 3 de junho de 1962.

## II — Vida de exemplo

Palavra de Jesus: "Dei-vos o exemplo, para que também vós façais como eu fiz" (10). As almas desejosas de seguirem fielmente as pegadas do Senhor, apresenta-se a prática dos conselhos evangélicos, que é "a via real da santificação cristã" (11).

### 1) Pobreza evangélica

Jesus nasceu numa estribaria; durante sua vida pública não teve onde reclinar a cabeça à noite (12); e morreu sobre a nua cruz. É esta a primeira condição que Ele põe a quem o quer seguir: "Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu" (13).

Fostes atraídas pelo exemplo e pelo ensinamento do Mestre Divino, e tudo oferecetes a Ele: *laetus obtuli universa* (14). Na luz da imitação de Cristo pobre, o voto adquire pleno valor; deixa-nos satisfeitos dia a dia pelo indispensável; faz-nos dar aos pobres e às obras boas o supérfluo conforme a obediência; e para as incógnitas do amanhã, para a doença, e para a velhice, nos confia, sem excluir prudentes providências, aos cuidados da Providência Divina.

A separação dos bens da terra chama a atenção geral, mostrando a todos que a pobreza não é nem mesquinhez nem avariza; e faz pensar mais seriamente na sentença divina: "Que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?" (15).

Vivei integralmente o voto ou a promessa que vos assemelha Aquele que, ainda que rico, tornou-se pobre, para que nós nos tornássemos ricos de sua pobreza (16).

Não faltam sobre este ponto as tentações, como a procura das pequenas comodidades, a satisfação na alimentação, ou no uso dos bens. A pobreza, vós o sabeis, tem seus espinhos, que devem ser amados, para que se tornem rosas do céu.

Outras vêzes, a necessidade de ainda que legítimas modernizações poderia descambar em ostentação de construções e de equipamentos que, por vêzes, suscitaram comentários pouco favoráveis, ainda que essas novidades não digam respeito às modestas habitações das Irmãs. Vós Nos compredeis, queridas filhas: não queremos dizer que quanto é indispensável à saúde física e à recreação sábia e oportuna esteja em contraste com o voto de pobreza. Mas queremos confiar que o olhar do Mestre Divino

10) Jo 13, 15.

11) Carta Encicl. *Sacerdotii Nostri primordia*; A. A. S., LI (1959), pp. 550-551.

12) Cfr. Mt 8, 20.

13) Mt, 19, 21.

14) 2 Par 29, 17.

15) Mt 16, 26.

16) Cfr. 2 Cor 8, 9.

nunca venha como que a ser contristado por aquêle apuro excessivo, que poderia também influir negativamente sôbre a vida interior das pessoas consagradas a Deus quando vivem em ambientes privados de sua atmosfera de austeridade. A pobreza seja tida entre vós tôdas em grande honra.

Uma palavra de confôrto queremos especialmente dirigir às Monjas de Clausura, para as quais irmã pobreza torna-se às vêzes "irmã indigência". Virá Jesus, o Filho de Deus feito pobre, para vos consolar. Entretanto, em seu nome, Nós mesmos estendemos para vós a mão às vossas coirmãs, que se encontram em condições econômicas mais seguras, e aos generosos benfeitores; e estimulamos os empreendimentos iniciados neste sentido pela Federação dos Mosteiros de clausura, junto à Sagrada Congregação dos Religiosos, lembrando a todos a promessa divina: "bem-aventurados vós, que sois pobres, porque o reino dos céus vos pertence"! (17).

## 2) Castidade angélica

Lemos no evangelho o quanto Jesus sofreu, quais injúrias o atingiram. Mas, de Belém ao Calvário, o esplendor que se irradia de sua pureza divina estende-se sempre mais e domina as multidões, tão grande era a austeridade e o encanto de seu porte.

Seja assim também de vós, queridas filhas. Sejam benditas as delicadezas, as mortificações, as renúncias, com as quais procurais tornar mais fúlgida esta virtude, sôbre a qual Pio XII escreveu uma memorável Carta Encíclica (18). Vivei seus ensinamentos: vosso comportamento demonstre a todos que a castidade é não só uma virtude possível, mas uma virtude social, que deve ser defendida estrênuamente com a oração, a vigilância e a mortificação dos sentidos.

Vosso exemplo ensine que o coração não se fechou num egoísmo estéril, mas que escolheu a condição indispensável para se abrir solícitamente às necessidades do próximo. Com esta finalidade, cultivai as regras das boas maneiras — repetímo-lo — cultivai-as e aplicai-as; sem prestar ouvidos a quem quisesse introduzir em vossa vida um comportamento menos consentâneo com as necessárias cautelas e com a circunspecção.

Nas obras de apostolado repeli a teoria de quem quer que não se fale, mais ou pouco, de modéstia e de pudor, para introduzir nos métodos de educação critérios e orientações contrastantes com o ensinamento dos Livros Sagrados e da tradição católica.

Se o materialismo teórico ou simplesmente prático ameaça de um lado, e o hedonismo e a corrupção querem, de outro lado, quebrar qualquer dique, Nosso espírito serena ao contemplar as fileiras angélicas, que ofereceram ao Senhor sua castidade, e que, com a oração e o sacrifício, obtêm os prodígios da misericórdia divina sôbre os que erram, para propiciar o perdão para os pecados de cada um e dos povos.

17) Lc 6, 20.

18) Enc. Sacra Virginitas; A. A. S., XLVI (1954), p. 181.

### 3) Espírito de obediência

O Apóstolo São Paulo desenvolve o conceito da humilhação de Jesus feito obediente até a morte na cruz (19). Vós, para melhor seguides o Divino Mestre, vos estreitastes a Ele com o voto ou com a promessa de obediência.

Esta contínua imolação do próprio "eu", esta aniquilação de si mesmas pode custar muito; mas é também verdade que aqui está a vitória (20), pois a esta crucifixão espiritual correspondem graças celestiais para vós e para a humanidade.

O ensinamento da Igreja é claro e preciso quanto aos direitos inalienáveis da pessoa humana. Os dotes peculiares de cada homem devem devidamente se desenvolver, de modo que cada um corresponda aos dons recebidos de Deus. Tudo isso é adquirido. Mas, se do respeito à pessoa se passa à exaltação da personalidade e à afirmação do personalismo, então os perigos se tornam graves. Sejam preciosa indicação também para vós as palavras de Pio XII na Exortação "**Menti Nostrae**": "Numa idade como a nossa, em que o princípio de autoridade está gravemente abalado, é absolutamente necessário que o sacerdote, sólido nos princípios da fé, considere e aceite a autoridade não só como baluarte da ordem social e religiosa, mas também como fundamento de sua própria santificação pessoal" (21).

O colóquio, neste ponto, continua com quem tem encargos diretos e de responsabilidade.

Exigi a mais generosa obediência às Regras; e, ao mesmo tempo, sede compreensivas para com as coirmãs; favorecei em cada uma o desenvolvimento das atitudes naturais. Tarefa dos superiores é a de tornar amável a obediência, não a de obter um obséquio exterior somente, e menos ainda a de impor pesos insuportáveis.

Queridas filhas! Exortamo-vos a viverdes tôdas segundo o espírito desta virtude, que se alimenta de humildade profunda, de desinterêsse absoluto, de separação completa. Tornando-se a obediência programa da vida inteira, compreendem-se as palavras de S. Catarina de Sena: "Como é doce e gloriosa esta virtude, na qual se contém tôdas as outras virtudes! Ó obediência, que navegas sem esforço e, sem perigo, chegas ao porto de salvação! Tu te assemelhas ao Verbo unigênito...; tu sobes ao barquinho da Santíssima Cruz, indo sustentar, para não traspasar a obediência do Verbo nem sair de sua doutrina... És grande com a longa perseverança e tão grande que chegas do Céu à terra, porque com ela se abre o céu" (22).

### III — Vida de apostolado

São Paulo ensina que o mistério que nos foi revelado por Deus é o

19) Ef 2, 8.

20) Cfr. Prov. 21, 28.

21) A. A. S., XLII, pp. 662-663.

22) *Diálogo*, c. 155.

plano disposto desde tóda a eternidade em Cristo, para nEle se realizar na plenitude dos tempos, isto é, "reconduzir a um único chefe, Cristo, tódas as coisas, as que estão no céu e as que se encontram na terra" (23).

Nenhuma alma que se consagra a Deus está dispensada da tarefa sublime de continuar a missão salvadora do Redentor divino.

Daquelas que vivem no silêncio do claustro, especialmente de lá a Igreja muito espera. Elas, como Moisés, mantêm os braços levantados em oração, cónscias de que, nessa atitude suplicante, se obtém a vitória. É tão grande a importância da contribuição das Religiosas de vida contemplativa para o apostolado, que compadroeira das Missões — émula, portanto, de São Francisco Xavier — quis Pio XI não uma irmã de vida ativa, mas uma Carmelita, Santa Teresa do Menino Jesus.

Sim, deveis estar espiritualmente presentes a tódas as necessidades da Igreja militante. Nenhuma desgraça, nenhum luto ou calamidade vos encontre estranhas; nenhuma descoberta científica, reunião cultural, reunião social ou política vos deixe pensar: "São coisas que não nos dizem respeito". Que a Igreja militante perceba que estais presentes onde se requer vossa contribuição espiritual para o bem das almas e também para o verdadeiro progresso humano e a paz universal. Obtenham vossos sufrágios as almas do purgatório, a fim de que seja para elas acelerada a visão beatífica. Unidas ao côro dos Anjos e dos Santos, continuai a repetir o eterno **Alleluia** à Augusta Trindade.

As que se dedicam à vida ativa lembrem-se de que não só com a oração, mas também com as obras se obtém que o rumo novo da sociedade se alimente do Evangelho; e tudo seja para a glória de Deus, para a salvação das almas.

E já que no campo educacional, caritativo, assistencial, não podem ser utilizadas pessoas que não estejam preparadas para as acrescidas exigências que as regulamentações de hoje impõem, procurai, segundo a obediência, realizar os estudos e obter os diplomas que servem para superar qualquer dificuldade. Assim, além da devida e comprovada capacidade, será melhor apreciado vosso espírito de doação, de paciência e de sacrifício.

Além disso, anunciam-se novas exigências nos novos Países, que entraram na comunidade das Nações livres. Sem diminuir o amor à própria pátria, o mundo inteiro, mais do que no passado, tornou-se a pátria comum. Já numerosas Irmãs ouviram êste chamado. O campo é imenso. Inútil lamentar que os filhos dêste mundo cheguem antes dos apóstolos de Cristo. A lamentação nada resolve: é necessário mover-se, prevenir, confiar.

Nesta tarefa nem as Irmãs consagradas à contemplação ficam excluídas. Em algumas regiões da África e do Extremo Oriente as populações ficam mais atraídas pela vida contemplativa, que mais condiz com o desenvolvimento de sua civilização. Algumas classes sociais mais cultas qua-

se se queixam de que a vida dinâmica dos missionários possa ter menor incidência sobre seu modo de conceberem a religião e de aderirem ao cristianismo.

Vêde, diletas filhas, quão numerosos motivos induzem a estimular os encontros entre as Superiores Gerais, convocados pela Sagrada Congregação dos Religiosos, tanto no âmbito nacional quanto internacional. Assim podereis melhor atualizar-vos sobre as condições hodiernas, aproveitar das experiências comuns, animar-vos ao pensar que a Igreja possui uma multidão valorosa de almas, capazes de enfrentar qualquer obstáculo.

As almas consagradas nos novos Institutos Seculares sabem que também sua missão é apreciada, e fica estimulada para contribuir na penetração do Evangelho em tôdas as manifestações do mundo atual.

Nos lugares de responsabilidade mais alta, aos quais algumas possam chegar, é bom que se façam apreciar por competência, laboriosidade, sentido de responsabilidade, e, ao mesmo tempo, por aquela virtude que fica sublimada pela graça, impedindo assim que prevaleça quem se apoia quase exclusivamente sobre a sagacidade humana e sobre o poder dos meios econômicos, científicos, técnicos. **Nos autem in nomini Dei nostri sumus** (24).

Convidamo-vos a tôdas, almas consagradas a Deus na vida contemplativa ou na vida ativa, para vos unirdes em caridade fraternal. O espírito de Pentecostes adeje sobre vossas Famílias eleitas, una-as naquela fusão de almas que apresentava o Cenáculo onde, com a Mãe de Deus e os Apóstolos, estavam presentes algumas piedosas mulheres (25).

## Conclusão

São êstes nossos votos, nossas orações, nossas esperanças. A Igreja, na vigília do Concílio Vaticano II convocou todos os fiéis, a cada um propondo um ato de presença, de testemunho, de coragem.

Estai vós entre as primeiras, diletas filhas, a cultivardes santo entusiasmo. A "Imitação de Cristo" contém, sobre êste ponto, uma palavra profunda: "Convém que nós renovemos em cada dia nosso bom propósito, e nos excitemos ao fervor, como se então tivéssemos chegado à conversão, e dizer: Ajuda-me, ó Senhor Deus, no bom propósito e no teu santo serviço; e faz que hoje recomece perfeitamente, porque o quanto fiz até agora é nada" (26).

Inflame-vos de novo fervor a Mãe de Jesus e Nossa! Confiai nesta Mãe Celeste; e ao mesmo tempo tornai-vos familiares com seu Espôso São José, êle também Padroeiro do Concílio Vaticano II; e orai também aos Santos e Santas, que em cada uma de vossas instituições têm uma honra

24) Sl 18, 3.

25) Cfr. At 1, 14.

26) I, 19, 1.

especial, a fim de que unam sua eficaz intercessão para obter que a Igreja Santa, reunida numa oração unânime e mais intensa ao redor de Maria, Mãe de Jesus, e guiada por Pedro, difunda o reino do Salvador divino, que é reino de verdade, de justiça, de amor e de paz”.

A amplíssima Bênção Apostólica que lançamos sobre tôdas as Comunidades religiosas e cada uma das almas consagradas a Deus, quer ser o penhor de favores celestiais e estímulo para bem viverem e agirem in **Ecclesia et in Christo Iesu** (27).

Do Palácio Apostólico Vaticano, 2 de julho do ano de 1962, quarto de Nosso Pontificado.

IOANNES PP. XXIII

27) Ef 3, 21.



## ANUARIO DOS RELIGIOSOS DO BRASIL — 1958

- Em dois volumes, com 1.200 páginas.
- Excelente apresentação gráfica. Impresso no Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Relação completa de tôdas as obras que os religiosos e as religiosas mantêm no Brasil.
- Relação nominal dos Sacerdotes religiosos e dos Irmãos das Congregações não clericas, com indicação da data de nascimento, ordenação ou profissão, nacionalidade, província religiosa.
- Relação das cidades do Brasil, com indicação da população, Estado e Diocese em que se encontram, e especificação detalhada das casas religiosas existentes.
- Como encartes, no 2.º volume se encontram os Sumários gerais e o Mapa Eclesiástico do Brasil.

À venda na

Conferência dos Religiosos do Brasil — Rio

Cr\$ 920,00

**COMUNICAÇÃO DA SECRETARIA DE ESTADO E DA SAGR. CONGREGAÇÃO  
DOS RELIGIOSOS AO EXMO. SR. NÚNCIO APOSTÓLICO, SÔBRE A VI ASSEMBLÉIA DOS SUPERIORES E SUPERIORAS MAIORES RELIGIOSOS E  
RELIGIOSAS DO BRASIL**

Tendo em vista a importância excepcional que pela Assembléia dos Superiores e das Superiores Maiores dos Religiosos e Religiosas do Brasil foi dada êste ano ao estudo da Carta Pontifícia de 8 de dezembro de 1961, endereçada a todos os Ordinários da América Latina, o Exmo. Sr. Núncio Apostólico, Dom Armando Lombardi, julgou oportuno trazer informada a Santa Sé sobre o fato.

O Emo. Sr. Cardeal Amleto Cíognani, Secretário de Estado de Sua Santidade, ao agradecer o relatório, acaba de comunicar ao Exmo. Sr. Núncio Apostólico que "as interessantes notícias sobre a realização dos trabalhos da Assembléia foram submetidas à augusta consideração do Santo Padre, o Qual se dignou manifestar o Seu vivo aprêço pela solicitude filial, com que as Ordens e Congregações Religiosas no Brasil acolheram a Exortação do Vigário de Cristo, e se dispõem generosamente a pô-la em prática".

"Formulo votos sinceros — continúa a carta do Emo. Sr. Cardeal Secretário de Estado — para que os Religiosos e as Religiosas, tão beneméritos na vida católica do País, tirem do precioso documento do Sumo Pontífice um novo incentivo para o trabalho apostólico, e se disponham a colaborar sempre mais estreitamente com a Hierarquia Eclesiástica, em benefício da renovação espiritual da nobre Nação brasileira".

O Emo. Sr. Cardeal Valério Valeri, Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos, mostrou igualmente grande interêsse pelo relatório e pela documentação, que lhe foram enviados pelo Exmo. Sr. Núncio Apostólico, ao qual comunicou o seguinte:

"A correspondência que encontrou junto aos Religiosos e às Religiosas a Carta do Santo Padre aos Ordinários da América Latina, as disposições e os planos de generosa colaboração, da parte dos Institutos Religiosos para com a Hierarquia constituem motivo de profunda satisfação para êste Sagrado Dicastério, sempre solícito em incentivar e guiar todos quantos se consagram a Deus no estado religioso para uma formação sempre mais aprofundada e uma atividade apostólica concorde e uniforme com as diretrizes e iniciativas do Episcopado. Por isso, é causa de particular agrado o projeto da constituição de um órgão de coligação entre as duas Conferências — a dos Bispos e a dos Religiosos — o qual, Deus queira, seja em breve feliz e fecunda realidade".

## O JUNIORATO NA FORMAÇÃO DAS RELIGIOSAS

Pe. João Corso, S.D.B.  
do Instituto Teológico Pio XI, São Paulo

### Apresentação

Com o presente, começamos a publicar nesta Revista uma série de artigos, em que esse assunto de palpitante atualidade, concernente à formação das Religiosas, ser-lhes-á amplamente apresentado com o escôpo de facilitar-lhes a compreensão e realização fiel dos desejos da Santa Sé relativos ao mesmo.

Estamos assim, satisfazendo a repetidos pedidos, publicando as quatro conferências apresentadas às Revdas. Madres Provinciais reunidas no Rio de Janeiro em julho de 1961 e abril de 1962, bem como o resultado dos estudos feitos em São Paulo, pela Comissão nomeada pela C.R.B. depois das reuniões de julho de 1961, como ainda dos debates feitos nas sobreditas reuniões de Provinciais. Além disso queremos oferecer o resumo de quanto a bibliografia relativa principal já existente nesse campo nos proporciona, facilitando-nos o trabalho de interpretação e execução dos desejos da Santa Sé concernentes a esse nôvo tipo de formação para as religiosas.

Queremos sem mais destacar o largo aproveitamento de **"The Juniorate in Sister Formation; Proceedings and Communications from the Fourth Series of Regional Meetings of Sister-Formation Conferences — 1957-1958; Fordham University Press — New York"**, com o prefácio de S. Emcia. o Cardeal Arcádio Larraona como Secretário da Congregação dos Religiosos, e cujo primeiro capítulo, de caráter fundamental, é do Pe. Elio Gambari, S.M.M., encarregado na Congregação dos Religiosos de quanto concerne à formação das Religiosas, capítulo, aliás, já traduzido e publicado nesta mesma Revista em abril de 1961 (1).

Servimo-nos amplamente dessa obra dada a sua indúbia excelência, bem que não tenhamos deixado de fazer as oportunas adaptações ao nosso meio.

O plano geral pelo qual nos nortearmos será o seguinte:

- 1) Princípios fundamentais;
- 2) Organização e administração;
- 3) Formação espiritual;
- 4) Formação intelectual;
- 5) Formação humana;

A seu tempo, depois dêsses estudos, ou mesmo durante a sua sucessiva

---

1) Pe. Elio Gambari, S. M. M., "O Juniorato de acôrdo com o espírito e as diretrizes da Santa Sé", Revista da C. R. B., abril de 1961, pp. 197-218.

apresentação, trataremos de organizar e sugerir a bibliografia mais oportuna relativa aos problemas da formação em geral, do juniorato em particular, e da mesma formação concreta integral a ser dada por Superiores e Mestras (2).

## I — OS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DO JUNIORATO DAS RELIGIOSAS

Vai sob esse título a primeira conferência apresentada à Reunião das Provinciais em julho de 1961, quando nos desempenhávamos do encargo de comentar o já citado capítulo do Pe. Elio Gambari: "O Juniorato de acordo com o **espírito** e as **diretrizes** da Santa Sé".

Tratamos então, no comentário da sua primeira parte, de sublinhar o pensamento da Santa Sé a respeito, enunciando a **noção** do Juniorato e explicando-a amplamente pela apresentação dos **princípios** ou **pressupostos** fundamentais da mesma, bem como dos seus **objetivos**. Intercalamos entre a primeira e segunda questão considerações sobre a **bibliografia** relativa.

Salta aos olhos tratar-se de questão de primeira importância pois destinada a dar a compreensão cabal da mesma, da sua oportunidade, a convicção profunda e factiva da sua virtual obrigatoriedade.

### A) **Noção**

É fundamental, de começo, o enunciado claro da noção de Juniorato.

1 — No tocante ao **nome** há que dizer-se não ser o Juniorato (ou Juniorado) muito conhecido no sentido que lhe é peculiar. Outras denominações se tem usado para indicar o mesmo, como **profissão**, **escolasticado**, **estudantado**, **aperfeiçoamento**, **grande juvenato**, e outros. Parece, porém, que a tendência atual é de **oficializar** o termo **Juniorato**, que lembra bastante bem um fato fundamentalmente constante nas novas religiosas, i é, sua não perfeita maturidade tanto para a vida religiosa quanto para a eventual vida apostólica a que se destinam.

2 — No seu **significado real** indica, na definição do P. Gambari, "um período de tempo que se segue imediatamente à profissão religiosa simples (votos temporários), e que tem por objetivo o propósito de continuar a **formação religiosa** começada no noviciado, e dar às Jovens religiosas a **preparação intelectual e técnica** para os trabalhos próprios dos seus institutos" (3).

A declaração ou explicação desta noção vai ocupar-nos praticamente todo este primeiro estudo. Haveremos assim de indicar a natureza desse novo capítulo no direito da formação das religiosas, que embora esteja em vias de

2) Uma colaboração de todas as Congregações nesse trabalho será de suma eficiência. Pedimento para a Sede da CRB, no Rio, ou à Secretaria da Comissão de São Paulo, no Colégio Assunção, ou ao Instituto Teológico Pio XI, Rua Pio XI 1024, também em São Paulo.

3) Pe. E. Gambari, a. c., p. 197. Nas seguintes frequentes citações deste artigo indicaremos as páginas correspondentes da Revista da CRB no mesmo texto.

consolidação, já tem seus caracteres positivos bem definidos, de modo a não dar azo a confusões com outras noções imperfeitas e mesmo erradas, que poderiam existir na mente de muitos. E é porisso que muito oportunamente faz P. Gambari seguir à definição positiva uma definição negativa, dizendo não dever confundir-se o Juniorato com o "simplex período dos votos simples ou temporários, mesmos que as jovens Irmãs estejam durante êsse período sob a dependência e direção mais ampla (e mais especial) que aquela exercida ordinariamente por uma superiora local ou admistradora, ou mesmo que estejam inteiramente ocupadas com estudos universitários" (a.c. 197). Tal forma de aperfeiçoamento pode dizer-se já antiga para muitos Institutos Religiosos, ao menos para uma parte das religiosas, e tem de mira de per si quase que exclusivamente uma maior instrução ou aperfeiçoamento técnico, ao passo que a nova noção de Juniorato significa essencialmente um tipo de **formação** religiosa e apostólica nova para a maioria dos Institutos Religiosos, como explicitaremos a seguir.

## B) — Legislação e Bibliografia

Pela mesma natureza da questão, porém, impõe-se-nos antes de tudo, a esta altura, indicar a legislação e bibliografia principal relativa.

Pe. Gambari não focaliza como nós a questão. Implicitamente, porém, todo o seu artigo, de modo particular na primeira parte, é uma demonstração insistente e incisiva de que embora não exista um corpo **orgânico de legislação** e sobretudo expressa e diretamente **peremptório** relativo ao Juniorato, não pode restar dúvidas de como se processará a consolidação e codificação de certas disposições que, embora em evolução ou em fase experimental, já parecem ter em grande parte dos casos força indúbia de obrigar também às religiosas no concernente à formação das mesmas nos diversos casos em que deverá ser ministrada, também depois da profissão religiosa. Sobretudo é certo que ela haverá de pautar-se pelos **princípios** e pela **praxe** que desejamos indicar nestes artigos e que como o mesmo Pe. Gambari e outros estudiosos do assunto, haurimos de modo particular do:

- 1) Código de Direito Canônico;
- 2) "Enchiridion de Statibus perfectionis, I. Documenta Ecclesiae sodalibus instituendis", Officium Libri Catholici, Romae, 1949;
- 3) Constitutio "Sponsa Christi"; A.A.S., XLIII (1951), p. 5-24;
- 4) S. C. Relig. "Atti e Documenti del primo Convegno internazionale delle religiose educatrici", Edizioni Pauline, Roma, 1951;
- 5) "Acta e Documenta Congressus Generalis de Statibus Perfectionis", Romae, 1950, ed. paulinae, 1952-1953;
- 6) Constitutio Apostólica "Sedes Sapientiae" eiusque adnexa Statuta Generalia, A.A.S. 48 (1956), 354-365;
- 7) Everett Curriculum Workshop, Heiden's Mailing Bureau, Seattle, Washington, 1956;
- 8) "The Juniorate in Sister Formation", Conferences, 1957-1958; Fordham Uni-

versity Press —New York;

- 9) "Le juvenat", conférence du R. P. Philippe, secr. de la S.C.R., aux Maitresses des Novices, à Rome, en octobre 1959;
- 10) "Mission de La Religieuse dans le monde d'aujourd'hui", Gaston Courtois, Editions FLEURUS, 1959.
- 11) "Necessidad del juniorato", **Escudero**, em "Vida Religiosa", 1961, abril, p. 93 ; Madrid;

De modo particular, já o repetimos, usamos amplamente do artigo do Pe. Gambari, já porque tal nos fôra pedido, já sobretudo porque, tratando-se do encarregado, na Congregação dos Religiosos, de quanto concerne à formação das religiosas, é a sua uma voz informativa de primeira importância para o nosso assunto. Assim, por exemplo, êle demonstra com insistência a aplicação em grande escala da Constituição "Sedes Sapientiae" e Estatutos anexos (para a formação sacerdotal, religiosa, apostólica dos membros das Congregações clericais) ao Juniorato das religiosas. E, de fato, como sublinharemos a seguir, na exposição dos princípios ou pressupostos fundamentais do Juniorato, tal aplicação não pode deixar dúvidas.

### C) — Princípios ou Pressupostos Fundamentais

Tais princípios ou pressupostos podem reduzir-se fundamentalmente a dois : O apostolado oficial das Religiosas na Igreja; A atualização do apostolado das Religiosas no mundo de hoje.

#### 1) O apostolado das Religiosas, elemento novo na concepção da vida religiosa nos nossos dias

Falamos do esboçar-se de um novo capítulo do instituto jurídico da formação dos membros dos Institutos Religiosos femininos.

Trata-se realmente de uma evolução ampliativa no direito das religiosas e, podemos adiantar, uma evolução de grande envergadura. Quer dizer que algo de novo, princípio e justificação de uma próxima nova legislação e de certas disposições novas mais ou menos já taxativas, está tomando, e mesmo já **tomou consistência** na vida religiosa dos Institutos femininos de perfeição evangélica que se dedicam ao apostolado oficial na Igreja. Pois essa realidade é a oficialização por parte da Igreja das atividades apostólicas das religiosas, cuja vocação não se limita tão só ao esforço da própria santificação, mas procura fazê-la transbordar em obras de apostolado.

"A vida religiosa das Irmãs que se dedicam ao ensino, à assistência aos doentes e a outros ministérios — diz o Pe. Gambari (a.c.p. 198) — representa para as jovens uma vocação que é nova na Igreja. Tal vocação, enquanto conserva todos os aspectos de perfeição e de santidade transmitidos pela vida religiosa tradicional e intensificados pelos séculos, é enriquecida por um elemento substancial. Êste novo elemento é o chamado a um **apostolado direto e imediato** para o bem do próximo, nas formas que melhor se adaptam à natureza e à capacidade da mulher.

Temos, portanto, uma vocação **religioso-apostólica**. Para os homens, também, a vida religiosa, que em tempos antigos era preponderantemente **contemplativa**, tem sido acrescida e fundida com o sacerdócio e com o apostolado **direto**, a fim de constituir uma vocação religiosa, sacerdotal, apostólica. Este nôvo tipo de vocação para homens confere uma dignidade tríplice e, portanto, implica numa tríplice **responsabilidade**, mesmo do ponto de vista da formação (4).

"A vocação **religioso-apostólica** assumiu e agora possui um caráter **oficial e público** na Igreja. Goza dêste caráter oficial e público do ponto de vista da perfeição evangélica, uma vez que os religiosos fazem seus votos públicamente e são recebidos em nome da Igreja e por ela governados; e também do ponto de vista do apostolado, que é uma missão e mandato conferidos pela Igreja. Consequentemente, a Religiosa se encontra exercendo o apostolado nas diferentes formas, características de cada Instituto, não em seu próprio nome ou no nome do Instituto apenas, mas, formalmente, no nome da própria Igreja.

O estabelecimento do Instituto, a aprovação de suas Regras por autoridade eclesiástica nas etapas mais adiantadas e pela Santa Sé na etapa final, contêm e implicam numa entrega de **mandato** e de **missão apostólica** que podemos chamar de canônica (5).

O mandato de apostolado público dado às Irmãs é de uma natureza bem mais elevada do que aquêle conferido a membros leigos da Ação Católica ou a outros movimentos dedicados à caridade. O mandato dado à Religiosa é de uma ordem diversa do de uma jovem leiga, e corresponde a um **estado canônico**. O estado canônico, ao qual a religiosa pertence, a aproxima muito mais ao sacerdote e ao ofício sacerdotal. Certo está Vermeersch-Creusen ao escrever: "ao exercer o apostolado, os sacerdotes têm uma missão especial e fins particulares; o mesmo se aplica aos religiosos. O apostolado diverge especificamente da Ação Católica (trabalho dos leigos) e, na sua perfeição ou dignidade, inclui eminentemente Ação Católica e ainda vai além" (6). Como poderia a Igreja deixar atualmente de contar com o auxílio ou ministério das Religiosas no ensino do catecismo, no exercício da caridade, e em tantos outros campos de apostolado? Pio XII dizia em 1949: "O apostolado da Igreja é quase inconcebível sem a cooperação de religiosas nas obras de caridade, em colégios, na assistência ao ministério sacerdotal, nas missões" (7).

Desta associação ampla e íntima da religiosa com o apostolado sacerdotal, conclusões importantes podem ser tiradas para a formação das Irmãs e para sua preparação para os trabalhos que lhes são conferidos pela Igreja. O Art. 1.º dos Estatutos da "Sedes Sapientiae" reza: "segundo o grau e a índole dos diversos Institutos e Estados de perfeição, deve essa formação ser elevada àquela excelência, que estão a exigir a peculiar dignidade dos Estados (cc.487,107s,

4) Const. Apost. "Sedes Sapientiae", 17; Est. anexos, T. I. Art. 1.

5) Cân. 1328; 487, 107s, 124; Pio XII às Enfermeiras, abril de 1947. Idem quanto às Educadoras, em carta ao Card. Valeri (A. A. S., XLVI (1954), p. 202.

6) Epif. Juris Canonici, Vol. I, n.º 342.

7) A. A. S., XLI (1949), p. 419.

124) e as funções que desempenham no Corpo Místico de Cristo". (Estat. Art. 1).

Um paralelo deve ser estabelecido e pôsto em prática entre a formação religiosa e a apostólica da Irmã. Este paralelo encontra sua plena aplicação nos Estatutos anexos à "Sedes Sapientiae": "As normas, porém, que, de maneira mais geral dizem respeito à formação religiosa e apostólica, devem ser aplicadas, com as devidas adaptações, aos Institutos **laicais** e aos membros leigos dos Institutos clericais" (Estat. Art. 16 § 3, 2.º).

A primeira aplicação a ser feita refere-se à necessidade de uma formação completa, adequada aos ministérios de cada Instituto. As palavras da "Sedes Sapientiae" são inteiramente aplicáveis: "Todos, professôres e alunos, não devem perder de vista que os estudos eclesiásticos não se destinam unicamente à instrução intelectual, mas também a uma integral e sólida formação, tanto religiosa como sacerdotal e apostólica" (C. 33). Também aplicáveis são, neste caso, outras prescrições gerais que se referem a esta formação. Temos, portanto, uma **afirmação clara da vontade** da Igreja e não meramente uma exortação e um incentivo.

Os "Estatutos Gerais", no art. 16, § 3, 2.º, aplicam implicitamente às **religiosas**, bem como aos membros de Institutos laicais, tôda a legislação da Igreja concernente à formação de clérigos religiosos, do ponto de vista **da perfeição religiosa e de apostolado**" (a.c.p. 200) (8).

É óbvio, pois, esteja agora a Igreja a pedir realmente uma nova oportuna continuação e intensificação de formação para as religiosas a fim de que estejam à altura da própria **missão canônica** de apostolado. É indubitável que bem cêdo teremos uma legislação taxativa também nos particulares relativos à organização, exigências, funcionamento do Juniorato destinado exatamente à adequação das religiosas a essa mesma missão canônica.

## 2) A adequação ou atualização das famílias religiosas ao momento atual

a) A atualização postulado das novas exigências do mesmo apostolado.

Há muito que se fala de atualização, de adatação dos diversas Institutos religiosos aos tempos em que vivemos, cujas exigências muitas vêzes são diversas em diversos modos e medidas, das de alguns anos atrás (9).

A Igreja não só não vê com maus olhos tais movimentos de sadia modernização, antes os promove (lembremo-nos apenas dos Congressos dos Estados de Perfeição de Roma) ao mesmo tempo que procura orientá-los, controlá-los e valorizá-los tornando-os bem autênticos. É que, na mente da mesma Igreja, tal atualização significa um esforço de aderência sempre mais perfeita e ardorosa ao espírito genuíno do próprio fundador, conjugada ao esforço de sem-

8) De modo ainda mais categórico e incisivo fala nesse sentido o Cardeal Larraona no prefácio de "The Juniorate in Sister Formation", p. Xs.

9) Cf. "Sermo auspicialis Emmi Card. Clementis Micara", S. C. Rel., nos "Acta et Documenta Congressus Generalis de Statibus Perfectionis", Romae, (A. D. C. G. S. P.), 1950, vol. I p. 92 e a "Allocutio Pli Pp. XII Delegatis Conv. Gener. Alteri", em C. p. P., XXXVIII (1957), XXXVI, V-VI, p. 270.

pre maior eficiência no apostolado exercido no mundo de hoje, com suas exigências, com suas peculiaridades (10).

"A nota característica da renovação e adaptação — diz sobretudo o Pe. Gambari — é o **pleno uso** da vocação religiosa dos Institutos como **um todo**, bem como de **cada um** de seus membros, a fim de obter o máximo rendimento possível. — Pois bem, os tesouros e recursos da vocação religiosa, tanto coletiva quanto individual, não podem render intensamente os seus benefícios sem uma preparação geral e especial proporcionadamente conveniente, a saber, **precisa, objetiva e prolongada**, e até mesmo atestada por diplomas oficiais" (a.c.p. 201).

A isto quer responder muito oportunamente o Juniorato, que deve ter de mira justamente o mundo de hoje tal qual se apresenta, para mesmo dentro dêle poder a Religiosa viver perfeitamente sua vida de perfeição, não deixar-se absorver por êle, mas, bem pelo contrário, transformá-lo em um mundo humano, cristão, divino (11).

b) A atualização postulado da coordenação das forças tôdas do apostolado.

Não podemos esquecer os esforços mais recentes de coordenar tôda a grande soma das atividades dos Institutos Religiosos entre si e com as demais forças do apostolado católico, no mesmo empenho comum de reformar o mundo pelo seu retôrno para Cristo Jesus (12).

Mas, por absurdo que pareça, é preciso confessar que essa visão essencialmente cristã e absolutamente indispensável do apostolado, sobretudo do apostolado atual para um mundo certa e felizmente cada vez mais único, pela eliminação das distâncias e das barreiras e fronteiras de todo o gênero, essa visão de unidade do trabalho apostólico não foi ainda compreendida por muitos religiosos, ou ao menos não conseguiu quebrar mentalidades excessivamente particularistas que acabam sacrificando conscia ou inconsciente o bem da causa comum ao bem particular.

Depois da formação do Noviciado, peculiar de cada Instituto, formação que deve ser valorizada ao máximo, pois a vocação religiosa só concretizar-se para cada qual quase que substancialmente numa ou noutra forma, numa ou noutra família religiosa, é preciso também impreterivelmente dar às religiosas uma formação **católica** oportuna, postulado da caridade e da organização de cúpula de todo o apostolado da Igreja. Pois bem, o tempo mais oportuno para a consecução dêsse objetivo é justamente o do Juniorato que se impõe também por essa razão, que não deve ser subestimada, antes, tida muito e muito em conta.

c) A atualização sinônimo de formação em profundidade

10) É a recomendação constante de S. S. Pio XII em diversos documentos a diversos Institutos Religiosos; Cf. A. D. C. G. S. P., 1950, vol. I, p. 3-30

11) Cf. Lombardi, R., S. J., "accomodata renovatio statuum perfectionis in suis essentialibus et communibus elementis", A. C. G. S. P., 1950, vol. I, p. 107-122

12) Cf. Nardim Giuseppe, O. S. B., "II movimento d'unione tra i religiosi", edição de C.p.R. Roma, 1961, e os artigos da Revista da C. R. B. do mesmo autor, 32 (1962) p. 199-206, e n.º 83 (id.), p. 269-276.

Mas a adequação por excelência é a adequação em profundidade.

Parece que já passou para sempre de direito, e deveria ter passado para sempre também de fato o tempo das improvisações do apostolado e da mesma vida religiosa. Faz-se mister, assim já o repetiu inúmeras vezes a Santa Sé, faz-se mister dar soluções verdadeiras e cabais a este grande problema da formação, condenando a um ostracismo urgente e definitivo tudo o que foi ou é imediatismo, improvisação, empirismo precário e entravador, tradicionalismo contraproduzente, numa missão de importância transcendental. É preciso, pois, pôr-se à obra com planos premeditados, esquemas bem traçados e, com antecedência conveniente, com meios, quanto possível, já de antemão bem definidos. Requer-se, numa palavra, que parece ser a palavra de ordem de nossos dias, requer-se **organização**, requer-se planejamento, requer-se **especialização** (13).

Pois bem, o Juniorato, na sua verdadeira noção, quer justamente ser a solução de uma grande parte desse problema.

Dissemos na sua verdadeira noção. De fato, falsamente concebido ou atuado poderia vir a ser imperfeito e até contraproducente, como seria um pseudo-juniorato que conseguisse tão só formar especialistas ou técnicas como qualquer leiga o pode ser, desprovidas de todo o rico e indispensável conjunto de resultados de uma completa formação da religiosa apóstola.

Tal formação completa se evidencia nos **objetivos** do Juniorato, de que passamos a falar.

#### D) — **Objetos do Juniorato**

Tais objetivos se sintetizam na **formação**. Formação em todo o sentido do termo: **necessária, proporcionada, integral**.

##### 1) **Formação Necessária**

Faz-se sentir a necessidade dessa formação para a mesma vida **religiosa**, para a vida **apóstolica**, uma formação específica **religioso-apóstolica**.

a) **Formação Religiosa** — Dissemos acima que o pressuposto jurídico fundamental do Juniorato é a relativamente nova realidade jurídica do apostolado oficial das religiosas na Igreja. Diversamente, porém, de quanto faz o Pe. Gambari, preferindo começar por insistir na necessidade do Juniorato sob o ponto de vista mais fundamental da formação religiosa mesma individual e social, cuja deficiência ou insuficiência já se fazia sentir muito antes que se cogitasse no Juniorato como é hoje concebido. E isso mesmo quando essa vida religiosa se passasse tão só dentro das paredes da casa religiosa, sem a mínima preocupação de apostolado mais ou menos direto

E aqui um postulado fundamental imperativo do Juniorato: "A formação dada no postulado e no Noviciado não é suficiente para que uma religiosa esteja em condições de plenamente realizar sua vocação de perfeição, mesmo que o Noviciado se prolongue por dois anos. Já em seu tempo São Bernardo

13) Cf. a Const. Apost. "Sedes Sapientiae", 6-11, e os Est. Ger. Anexos, 17s.

dizia que o que se pode perceber nos jovens são antes esperanças do que frutos. Faz-se mister, pois, continuar a formação" (a.c.p. 203).

Aliás os votos simples ou as profissões temporárias são uma implícita convicção da Igreja em tal sentido (c. 574s) que nem sequer exclui a hipótese de que ao fim dos mesmos reconheça a religiosa não ser chamada para a vida religiosa ou para determinada vida religiosa. Sobretudo, porém, quis sempre a Igreja com a exigência da profissão temporária dar às novas religiosas a sensação da necessidade de mais amadurecimento, de mais formação de que, sem dúvida, carecem mesmo depois do mais bem feito Noviciado, ao mesmo tempo que sempre supôs cuidados especiais e oportunos por parte da Família religiosa para que tal amadurecimento se fizesse do modo mais perfeito possível. Pois bem, esses votos da legislação relativa aos Institutos Religiosos estava sendo, por diversas circunstâncias, e contingências, letra bastante morta para muitos e muitos casos, com as conseqüentes péssimas desvantagens para os indivíduos e as sociedades. Aí está então o Juniorato a exigir que se preencha quanto antes essa grande lacuna da formação para a vida religiosa que, por ser tão elevada, é também difícil, exigindo, pois, compreensão (estudos) e convicções (formação) proporcionadas.

Ninguém ignora como faz falta para muitas religiosas uma verdadeira instrução **ascética** bem fundamentada no dogma, necessária para conservar em altura sempre conveniente a uma espôsa de Cristo Jesus os seus anseios de santidade, que o mais das vezes significa a imitação do Divino Espôso Crucificado (14). Uma vocação tôda feita de generosidade não pode, ao menos por longo tempo, alimentar-se de mero sentimentalismo ou de motivações insuficientes e conservar-se sempre no climax que lhe deve ser peculiar para a sua inteira realização.

Pois bem, o tempo mais oportuno para consolidar e ampliar uma formação adquirida no Noviciado, para melhor individuar os defeitos da mesma e dar-lhe remédio oportuno, são sem dúvida os anos que se lhe seguem. A falta dessa consolidação leva aos piores resultados como aliás sói acontecer também com os Institutos clericais masculinos quando, junto com os estudos eclesiásticos posteriores ao Noviciado, não se dá aos jovens religiosos uma formação ascética progressiva proporcionada (15).

E foi sem dúvida com vistas nesta necessidade de complementação da formação religiosa que a Igreja, há mais de dez anos, começou a explicitar sua mente a respeito do Juniorato, que assim se justificaria sob êsse ponto de vista ao menos, para **tôdas** as religiosas e para tôdas as famílias religiosas também as só dedicadas à contemplação. Estas, de fato, bem como as religiosas dedicadas ao apostolado indireto, chamadas que são a uma perfeição tôda especial e sem os arrimos ou elans favoráveis que podem advir do apostolado, devem ter também uma formação mais profunda e firme para se conservarem sempre nas alturas de sua vocação excepcional.

14) Flp. 1, 21; 1 Cor. 1, 23; 2, 2.

15) Const. Apost. "Sedes Sapientiae", nn. 21-24; Est. Ger. An., art. 5 § 2, art. 7 § 1, n.º 2, etc.

É por isso que já insistimos acima não consistir o Juniorato no simples tempo dos votos temporários, sem uma devida oportuna complementação da formação que exige lugar, métodos e tempo proporcionados e adequados como diremos adiante.

É já não é raro o testemunho de diversos Institutos com referências de grandes vantagens obtidas por essa formação aprimorada nos junioratos já existentes e funcionantes no Brasil e alhures.

Também nesse ponto deve-se ter por absolutamente certo que improvisações são sempre improvisações, e que os carismas que Deus por especial disposição concedeu aos membros de Institutos religiosos sobretudo quando incipientes, foram exceções. Ele não está obrigado a isto e mesmo não gosta de fazê-lo perpétuamente, antes prefere usar das causas segundas na concretização de suas obras, responsabilizando-as em grande parte pelos resultados mais ou menos perfeitos das mesmas. Quantas deserções a menos, quanto maior santidade religiosa, e com menos esforço, se se valorizar a convicção da necessidade do juniorato com a sua realização plena, dando antes de tudo às jovens religiosas exatamente mais formação **religiosa!**

Uma das vantagens que advirão certamente da mesma será uma melhor preparação ou predisposição para o próprio apostolado com um rendimento maior no mesmo. Mas tal finalidade é tão intrínseca à noção de Juniorato que merece considerações a parte de todo especiais.

**b) Formação apostólica** — Dissemos acima que a motivação jurídica principal do Juniorato é justamente a especialização do apostolado das religiosas, sua adequação aos tempos e lugares.

A luz deste princípio devemos enunciar aqui mais um postulado: A formação religiosa sôzinha, mesmo que fôsse bem aprimorada, é insuficiente para se desempenhar um apostolado verdadeiramente profícuo, sobretudo nos nossos dias.

“O apóstolo, diz o Pe. Gambari, existe e trabalha não para si mesmo mas para os outros. Portanto não é suficiente planejar uma formação unicamente com vistas à santificação do indivíduo ou à sua vida interior, por mais fundamentais que estas sejam. O apóstolo também é obrigado a ajustar sua preparação aos requisitos e às diferentes circunstâncias dos ministérios aos quais êle se dedicar. Aplicável aqui o princípio: — em tôdas as coisas objetivar o fim.

Ora, nos ministérios mais comuns das religiosas, ensino, trabalho hospitalar, serviço social e cooperação com os pastôres de almas, existem requisitos em nossos dias, e problemas contemporâneos, insuspeitos alguns anos atrás. Direção, e educação, e cuidado de doentes sofreram grandes transformações. O Estado decidiu intervir em muitos destes campos, assentando rígidas prescrições. O serviço social deu nova forma à caridade. Muitas outras pessoas começaram a trabalhar em campos que antigamente eram reservados ou confiados exclusivamente às religiosas; e estas pessoas são equipadas com uma cultura profissional bem elevada, comprovada por um certificado ou diploma reconhecidos e regulados pela autoridade civil. Na educação, o grau de bacharel

está se tornando quase que universalmente necessário como certificado, a fim de se ensinar nos anos primários. Comissões de cidadãos estão voluntariamente assumindo alguma responsabilidade para investigar e controlar as normas para a preparação de professores nas escolas. Segue-se que não se deve permitir que as religiosas sofram numa comparação com pessoas que enfrentam estas normas mutáveis.

O falecido Papa Pio XII, falando às Irmãs professoras, expressou o grande desejo de que todos os seus colégios fossem não só excelentes, mas até superiores aos outros, devido à competência das professoras e à seriedade com que se estuda. Em nossos dias, especialmente, a Santa Sé tem se preocupado com a preparação intelectual, técnica e profissional das religiosas (16).

Num discurso em 1950, Pio XII salientou a diferença de aspiração das religiosas que cuidam dos doentes, e a das outras pessoas que se ocupam na mesma atividade, e acrescentou: "A religiosa pode às vezes ser inferior às outras em vantagens técnicas, e Nós tomamos esta oportunidade para incitá-las não somente a manter-se em pé de igualdade com as outras em tais casos, mas até superá-las" (17).

Uma diretiza da Santa Sé requer também que a preparação profissional das religiosas seja comprovada por graus acadêmicos, que o Estado exige ou reconhece, para as atividades específicas nas quais estejam empenhadas". (a.c.p. 202s.).

Pois bem, o Juniorato, segundo a mente da Santa Sé, é também uma resposta e uma solução a este problema gravíssimo, de cuja solução dependerá a eficiência conveniente do apostolado das religiosas nesses seus campos de apostolado. Isto poderá custar muito, veremos depois, em tempo e meios, mas será indispensável. A menos que queiramos os grandes fracassos da religiosa e dos Institutos religiosos.

E<sup>2</sup> que certas formas da vida religiosa no tipo de vida mista, como é o comum e a quase totalidade dos casos, não conseguirão as finalidades do próprio espírito se não se realizarem total e o mais perfeitamente possível. E é por isso que se nos impõe ainda mais uma insistência sobre a **necessidade** da

---

16) Numa alocução às Madres Gerais, em 1952, Pio XII dirigiu-lhes duas exortações prementes, uma referente à afeição maternal na direção das Irmãs e a outra relativa à largueza e liberalidade na formação dessas Irmãs em proporção aos cargos que as esperam, dando-lhes a oportunidade e os meios necessários para manter atualizados os seus conhecimentos profissionais (Acta et Documenta (Romae), p. 331).

Na sua oração às Religiosas Educadoras, 1951, o Sumo Pontífice expressou o desejo de que as escolas por elas administradas fossem excelentes e disse: "Isto, entretanto, pressupõe que vossas Irmãs professoras conheçam e tenham perfeito domínio de suas matérias de ensino. Oferecei-lhes, portanto, um bom preparo e formação, que correspondam às qualidades e aos diplomas acadêmicos exigidos pelo Estado. Dai-lhes generosamente o que precisarem, especialmente quanto a livros, para que possam seguir os progressos de suas disciplinas e assim oferecer à juventude rico e sólido conjunto de conhecimentos. Isto está de acordo com a concepção católica que aceita com gratidão tudo o que naturalmente verdadeiro, bonito e bom, porque é a imagem da verdade, da bondade e da beleza divina" (Acti e Documenti del primo Convegno Internazionale delle Religiose educatrici, p. 340).

17) A. A. S., XLII (1950).

formação do Juniorato dizendo dever ser tal formação especificamente **religioso-apostólica**.

c) **Formação religioso-apostólica** — Esta terceira exigência da formação necessária das religiosas no Juniorato pode parecer um pleonasma inútil. É, ao invés, uma nova advertência para o verdadeiro conceito de Juniorato, que só será completo quando a formação para o apostolado seja uma conseqüência, um extravasamento e complemento da mesma vida religiosa individual bem vivida, concorrendo, porém, por sua vez, a sustentar sempre em seu clímax essa mesma vida religiosa.

"Pro eis sanctifico meipsum" (Io. 17, 19). Santifico-me para ser apóstolo, e sendo apóstolo garanto ainda mais a minha santificação. — O Juniorato deveria justamente tornar realidade para tôdas as religiosas êsse aparente círculo vicioso, que parece funcionar à maneira de moto-contínuo, mas que é a única fórmula do verdadeiro apostolado. De fato, hoje em dia, bem que teóricamente falem os juristas de três tipos de vida religiosa quanto ao apostolado, a saber, a **contemplativa**, a **ativa** e a **mista**, praticamente sabe-se não haver mais Institutos de vida meramente ativa mas sim de vida mista.

"Em nossos dias largas transformações ocorreram no ambiente em que as religiosas realizam as suas atividades, resultando que a vida de oração, meditação, reclusão do mundo; **necessárias** para o progresso espiritual e a perfeição religiosa, tornaram-se mais difíceis. A combinação e conformidade, portanto, da vida religiosa com a atividade apostólica e a vida profissional requerem uma preparação mais profunda e de maior duração. Quando esta não é dada — e isto acontece demasiadamente — ouvimos as queixas de superiores, sacerdotes e até leigos, de que as jovens Irmãs não estão preparadas. A falta de formação à qual se referem tem grande extensão. Vai desde a falta ou fraqueza de vida interior e disciplina religiosa até à ignorância ou conhecimento deficiente do que é preciso saber para exercer bem a atividade apostólica.

Às vêzes a acusação de que as Irmãs não estão preparadas aumenta a sua inferioridade em comparação com leigos empenhados na mesma espécie de trabalhos. Às vêzes resulta que as Irmãs, falhando em algum aspecto da sua formação baseada na fé sobrenatural e apoiada por convicções pessoalmente colhidas, são incapazes de perseverar nas suas obrigações religiosas quando o entusiasmo juvenil começa a desaparecer. Em outras ocasiões a falta de preparo significa que as jovens professôras estão se extenuando espiritualmente, e que contactos com os leigos estão diminuindo sua visão sobrenatural da vida, de modo que as jovens religiosas facilmente caem no **naturalismo**.

Isto acontece muitas vêzes também quando o excesso de aplicação para suprir a deficiência de formação oportuna, extenua e desanima a religiosa empenhada por isso mesmo, muitas vêzes, numa tarefa sobreumana" (a.c.p. 202s.).

E não se espere pelos milagres.

Uma formação religioso-apostólica dada em tempo oportuno ensinará às

jovens religiosas a "unir a atividade mais laboriosa e as riquezas mais raras da vida interior, diz-nos Pio XII. Trabalho ardente e cuidadoso da vida interior requer não somente a presença de ambos, a fim de que possam ser unidos, mas é necessário que ambos progridam, se não no mesmo passo, ao menos em nossa estima e no desejo de possuí-los. Permite então que o ardor nos trabalhos seja unido, com um igual ardor pela fé, oração, à verdadeira consagração a Deus de si mesma e de tudo o que possui, a beleza de uma consciência pura, paciência nas provações, ativa e vigilante caridade, consagrada tanto a Deus quanto ao próximo.

Esta união não deverá existir somente na vida de cada religiosa individualmente, se estiver verdadeiramente e não aparentemente na alma; constitui também para toda a Congregação Religiosa uma sólida justificativa da vida religiosa diante de Deus e dos homens, e uma razão pela qual deveria receber a mais alta aprovação. Isto é o que a Igreja insistentemente exige de nós, que as obras exteriores sejam harmoniosas e mantenham um equilíbrio constante" (18).

Assim é que no Juniorato a certa altura e com dosagens oportunas serão aos poucos e com a devida assistência lançadas as Junioristas aos primeiros contactos com o apostolado que haverá de encher suas vidas no futuro, tendo a possibilidade de recolherem-se para o exame de suas realizações, para uma solução calma das situações, e o retempêro do próprio espírito às vezes decepcionado ou cansado ante certas contingências.

Nisto está uma das maiores vantagens do Juniorato que, prescindindo do mais, dará indubiamente aos Institutos Religiosos um índice muito maior e melhor de perseverança. E porque uma melhor e maior perseverança é justamente o principal objetivo do instituto da "formação" religiosa fica patente mais uma vez a necessidade urgente do Juniorato para todos os Institutos Religiosos responsáveis pela formação integral religioso-apostólica de seus membros.

## 2) Formação proporcionada

O Juniorato, porém, não é só necessário para todos os Institutos Religiosos de vida mista mas igualmente para todas as religiosas desses Institutos.

Isto não quer dizer que todas as religiosas mesmo de um idêntico Instituto Religioso hão de receber a mesma formação no que diz respeito ao apostolado específico de cada uma, de modo particular quando os diversos Institutos têm finalidades variadas de apostolado. Bem pelo contrário devemos aqui enunciar mais um postulado segundo o qual as religiosas deverão ter uma formação proporcionada com a própria, d'íria, especialização no apostolado.

A seu tempo falaremos da possibilidade e muitas vezes necessidade de se estabelecerem Junioratos diversos até num mesmo Instituto. Aqui, porém, devemos lembrar mais uma vez que a já bem caracterizada formação **religioso-**

18 "Annus Sacer", ao Congr. Inter. dos Estados de Perfeição, 8-12-1950. A. A. S., XLIII (1951), p. 32.

**apostólica**, objetivo primeiro e fundamental do Juniorato, de que falamos acima, deve ser fundamentalmente igual para tôdas as religiosas, pois tôdas elas devem estar capacitadas a viverem a plenitude da vida de perfeição e saber conjugá-la com qualquer forma de apostolado ou trabalho, por mais simples que pareça.

Ora também essa formação fundamental, e mais ainda outras especializações, hão de exigir um tempo considerável proporcionado às exigências e dificuldades de uma formação que, pela própria noção, deve ser lentamente processada como qualquer processo vital. De fato, falando do mínimo de formação que deve receber tôda e qualquer religiosa no Juniorato diz o Pe. Gambari: "Estes objetivos não podem ser alcançados em menos de **dois anos**" (a.c.p. 210) (19).

Querer "liquidar" essa formação, permita-se-me a expressão, em pouquíssimo tempo, seria querer burlar a mente da Santa Sé, seria querer iludir-se e cair nos mesmos defeltos do imediatismo quase absoluto com que, muitas vezes, vinha-se agindo até agora.

São dêsse teor as respostas da Santa Sé para quantos lembram as grandes dificuldades e as ingentes necessidades do apostolado, por falta de apóstolos, de par com a urgência com que se reclama a solução para os problemas apostólicos.

"Ninguém poderá duvidar, diz o Pe. Gambari, da necessidade urgente de religiosas, juntamente como da necessidade urgente de sacerdotes, e ninguém poderá duvidar da veracidade das razões que impelem os pastôres de almas a mandarem pedidos insistentes aos superiores gerais. Há, entretanto, maior necessidade de Irmãs com bom preparo do que de Irmãs sem preparo algum ou com preparação incompleta" (a.c.p. 204).

E' por isso que a S. C. dos Religiosos (20) antes que diminuir o tempo da formação dos religiosos e religiosas tem a tendência de aumentá-lo oportuna e proporcionadamente às necessidades sempre maiores de não só **mais** apóstolos mas ainda mais de apóstolos **melhores** (21).

O imediatismo é, até sob a capa de maior zelo apostólico, um dos piores inimigos do mesmo bem das almas, que às vezes prejudicam-se mais com um erro de pastoral que com a falta absoluta da mesma. E' preciso, pois, ter a convicção de que é melhor para a glória de Deus o empenho em evitar os seus males pelo esforço de uma formação também quanto ao tempo integral.

19) São significativas as palavras de Pio XII à Companhia de Jesus: "Assim como um longo espaço de tempo é sempre necessário para a formação de um cavalo robusto, assim também prolongada paciência é sempre necessária para a formação do homem de Deus...". A. A. S., XXXVIII (1946), p. 381-85.

20) Cf. Pe. Gambari, a. c., p. 204 s.

21) A Sag. Congr. dos Religiosos afirma que é temerário esperar que uma pessoa após sua formação, quase que exclusivamente religiosa, no postulado e no noviciado, seja professora, e muito menos uma educadora séria, ainda que de crianças muito novas". Carta Circ. às Madres Gerais da Itália sobre a Preparação das Religiosas Educadoras, 31-7-51. C. p. R., XXX (1951), p. 262.

### 3) Formação integral

Mas o tempo sozinho nada faria, ainda que longo, no Juniorato.

A formação será proporcionada às necessidades atuais somente se se usarem com iluminada largueza de vistas todos os meios e na devida abundância como nos são propostos pela Santa Sé e se nos propusermos a consecução de uma formação realmente integral.

Falaremos amplamente desses meios em artigos subsequentes. Desde agora, porém, não pensemos esteja a Santa Sé a exagerar em suas exigências relativas aos mesmos. Não o faremos por certo se compreendermos o que significa uma formação **integral** a completar-se e aperfeiçoar-se no Juniorato.

Falando dessa formação integral da religiosa diz o Cardeal Larraona citado pelo Pe. Gambari: "Não há mulher religiosa verdadeiramente apostólica se os seguintes aspectos não forem cultivados e praticados por ela: a) o que é humano e, aqui podemos dizer, feminino, no sentido mais nobre; b) o que é sobrenatural e cristão; c) o que constitui a substância de toda a vida religiosa, pois a vida religiosa e apostólica são dois elementos paralelos ou, melhor, convergentes, que mutuamente se atraem e completam; d) o que é formalmente o aspecto apostólico, o zelo que impele a dar-se e consumir-se pelas almas e que, para este fim, tem o recurso e todos os meios convenientes, e tira proveito de todas as ocasiões como o fogo que esquentava e queima tudo o que dele se aproxima; e) o que constitui a profissão e o meio em que e pelo qual a Irmã deverá entrar em contacto com o seu próximo. Todos estes aspectos são como que os elementos constitutivos do apóstolo, e a prática de cada um deles resulta numa personalidade que está inteiramente voltada para Deus e para nosso próximo, e que está unida a Deus num esforço de trazer Deus ao próximo e o próximo a Deus.

A formação deve ser progressiva, metódica, perseverante, séria, adequada ao apostolado que a Irmã deve exercer, a fim de formar, como já foi dito anteriormente, uma verdadeira personalidade apostólica pronta a enfrentar todas as dificuldades que vierem pela frente, resoluta em sua intenção de empregar todos os meios que poderão servir no apostolado e explorar todas as oportunidades de fazer o bem pelas almas" (22).

### Conclusões

De quanto dissemos até aqui parece-nos podermos concluir pela asserção indúbia da **necessidade urgente** do Juniorato e pela enumeração das **responsabilidades das superiores** relativas ao mesmo.

#### 1) Necessidade urgente do Juniorato

O Juniorato impõe-se pelas intrínsecas exigências da mesma vida religiosa a ser bem vivida em si mesma e no seu necessário extravasamento para o apostolado. O Juniorato impõe-se porque, por essas mesmas intrínsecas exi-

gências, a Santa Sé já explicitou bem claramente os seus **desejos** a respeito, embora esteja ainda esperando algum tempo para dar uma legislação peremptória que regulará explicitamente esse tempo de formação necessário para todos os Institutos Religiosos.

Se alguém, a esta altura, por falta de uma legislação peremptória e **explícita**, duvidasse ainda desta obrigação, leia então quanto diz o Pe. Gambari no começo do seu já largamente citado artigo: "Se quisermos conseguir uma **convicção** profunda e sincera a respeito da necessidade de um Juniorato para religiosas e, além disso, de um Juniorato organizado de tal modo que possa ser uma garantia de que o fim para o qual foi instituído seja realizado, precisamos conservar em mente desde o princípio, a **grave responsabilidade** assumida por uma Comunidade ao receber uma aspirante, e, ainda mais, em aceitar a profissão de uma jovem que Deus confiou ao próprio Instituto.

É esta uma responsabilidade que a família religiosa, na pessoa de seus superiores, toma perante Deus, a Igreja, a sociedade e a própria religiosa. Esta promessa é uma resposta da Comunidade:

- ao ato pelo qual Deus manda uma vocação ao Instituto;
- ao ato pelo qual a Igreja, por intermédio dos superiores, recebe jovens no Instituto;
- finalmente, aos atos que a professa executa ao se preparar e entregar à família religiosa na qual entra.

A tríplice doação da religiosa foi integral, afetando toda a sua pessoa e implicando numa dedicação total ao próprio Instituto. Ela deve ser colocada, portanto, numa situação na qual possa alcançar o **desenvolvimento pleno** de si mesma e realizar os desígnios de Deus e da Igreja em relação a ela. Assim a Comunidade promete, antes de mais nada, uma formação **total, completa e adequada**, incluindo todos os aspectos da vida e das atividades da jovem, pois a religiosa não será capaz de realizar o plano de Deus se não receber a necessária preparação" (a.c.p. 197s).

## 2) Responsabilidades das Superiores

Como responsáveis principais pela execução dos desejos e em certos casos das disposições já peremptórias da Santa Sé, devem as Superiores:

a) Convencer-se pessoalmente e bem profundamente dessa necessidade, e necessidade urgente, de tornar realidade quanto antes, na medida do possível é claro, o Juniorato para as próprias súbditas;

b) Fazer de tudo para convencê-las do mesmo. Deverá mesmo formar um clima bem favorável de compreensão para com um problema cuja solução não pode ser por demais adiada e que importará fatalmente em muitos sacrifícios para as diversas comunidades religiosas;

c) Pôr-se, por fim, à obra com a disposição verdadeiramente religiosa de quem quer obedecer com a máxima perfeição à Santa Sé, procurando aderir generosamente aos seus desejos e não destituir em nada de sua força quanto já tem força de lei.

Estamos em período de formação de uma legislação que será em breve

sancionada definitivamente. A Santa Sé nos está dando tempo e liberdade de fazermos experiências que venham sugerir-lhe a melhor legislação porque bem coerente com a realidade vivida. Temos a responsabilidade de darmos aos pósteros a melhor solução desse problema, que vai ter por consequência o maior ornamento dos mesmos Institutos Religiosos e uma eficiência maior na salvação das almas para o maior bem da Igreja, para a maior glória de Deus.

Tratando-se da maior glória de Deus, a única atitude admissível naquelas que foram colocadas para a direção de almas inteiramente consagradas a essa mesma glória divina é da melhor compreensão é a da maior generosidade.



## BIBLIOGRAFIA

Y. de Montcheuil, SJ. **AS EXIGÊNCIAS DO REINO DE DEUS**. Trad. de Lia e José Solero. (Col.: O Evangelho no Século IX, vol. 3) São Paulo, Livrarias Duas Cidades, 1962.

Numa tradução utilíssima do casal Lia e José Solero, coordenadores do Movimento Familiar Cristão, em São Paulo, a Livraria Duas Cidades entregou ao público o 3.º volume de sua coleção "O Evangelho no Século XX".

São notas de um retiro pregado em 1943 e, posteriormente, pela sua repercussão, repetido em 1944 a pedidos, pelo jesuíta Ives de Montcheuil, sobre o que ele considerou as "Exigências do Reino de Deus".

No Antigo Testamento, Israel sempre conservára a idéia de um rei que lhe desse independência e governasse o povo em nome de Iahvé.

Esse seria o reino de Deus, compreendido, sim, como um poder dominador e justiceiro, mas proporcionando ao homem do tempo do A.T. o que era essencialmente a sua aspiração maior: tranquilidade e alegria terrenas.

Mas Jesus Cristo traz uma concepção nova e verdadeira do Reino do Pai: sua realização plena será no Céu, após a realidade da salvação através o exemplo do Filho do Homem.

Como se estruturará o valor absoluto do Reino e dos bens por ele concedidos? Quem e quem julga ser do Reino? Como poderá o homem moderno lograr posição num Reino que não é desse mundo?

A tais premissas o pregador respondeu com profundidade, sem embargo todavia da clareza e da firmeza com que desejava ser ouvido por leigos, embora intelectuais sem deixar lugar a ilações duvidosas por parte daqueles que lhe haviam pedido uma resposta cristã sobre a Igreja como Reino de Deus.

Nesse pequeno volume, quem se "sente com disposição", encontrará em tempo de um Retiro, a conceituação das exigências essenciais para a entrada no Reino...

O livro é uma advertência aos ricos-todo-poderosos, aos vingativos, aos egoístas, aos apegados aos gozos carnis, aos de coração vazio de amor e de caridade.

E' um estímulo aos que têm a pobreza como espírito, aos que não vivem do supérfluo, aos que amam a seu irmão em Cristo Jesus, os que não confundem o Reino com uma realidade temporal.

## A COMUNIDADE PAROQUIAL:

### I — DOIS TIPOS DE PASTORAL

Pe. Leão Douven C.Ss.R

É inegável que nos últimos tempos está crescendo, dentro da Santa Igreja, um interesse cada vez maior pela paróquia como comunidade em Cristo. Isto se explica pelo fato de que a civilização moderna está prejudicando ou até destruindo muitas comunidades antigas, especialmente nas grandes cidades. Daí surge o problema: como as comunidades paroquiais podem proteger-se contra essa influência? Como podem formar-se novas comunidades?

Êstes problemas de ordem prática suscitam imediatamente problemas de ordem teórica: que é necessário para ter comunidade? Será que basta ter espírito comunitário? Qual é a estrutura de uma comunidade paroquial?

Tentaremos focalizar estas perguntas numa série de artigos.

#### A Santa Igreja como coletividade

A Santa Igreja tem, indubitavelmente, um aspecto individual e um coletivo. São indivíduos que pertencem à Igreja, que devem salvar-se, que pecam e se arrependem. E quando se fala em apostolado, tem-se em mente geralmente aquêles que se dirige a indivíduos: a influência benéfica que alguém tem sobre companheiros católicos relaxados através de conversas, bom exemplo, visita domiciliar etc. Pensamos no bom pastor que deixa as 99 ovelhas para procurar a ovelha desgarrada. Pensamos na alegria no céu quando um pecador se converte.

Mas ao lado do aspecto individual da Igreja existe o coletivo, o comunitário. Quando um missionário parte para terras de pagãos, não vai apenas para salvar muitas almas da cegueira do paganismo, mas também e sobretudo para fundar ali a Santa Igreja, ou como diz Th. Suavet: para "construí-la".

A própria Bíblia acentua bastante o aspecto coletivo da Santa Igreja. No antigo Testamento, Javé fez uma aliança com o povo israelita, pela qual êste se tornou o povo eleito entre tôdas as nações da terra. O povo israelita, porém não se comportou à altura de sua eleição: "Por que cometeu minha bem-amada tanta maldade em minha casa?" (Jer 11, 15). Por isso Jesus fez uma Nova Aliança com o povo, constituído por seus discípulos, portanto, com o povo cristão, o povo católico, a Santa Igreja.

O salmo 44, o livro do Cântico dos Cânticos, e por fim as parábolas do banquete nupcial e das dez virgens etc. supõem êste aspecto coletivo da Santa Igreja.

## **A união sociológica entre os fiéis**

A Santa Igreja como coletividade encerra ainda duas realidades bem distintas. Primeiro a união mística, a união do Corpo Místico de Cristo. Esta união é realizada pelo Batismo, alimentada pela Comunhão e abrange a Igreja universal, tanto europeus e americanos como chineses e africanos.

Ao lado desta união mística — por sua natureza invisível — existe a união sociológica, união baseada em fatores humanos, e por isso visível. Esta união sociológica admite vários graus: o que une os fiéis do mundo inteiro é a obediência ao mesmo Papa, a crença nas mesmas verdades, a recepção dos mesmos sacramentos, como também uma mentalidade católica e um certo sentimento de solidariedade.

A união sociológica entre os fiéis da mesma diocese já é mais forte, pois a solidariedade cristã se baseia também no fato de que todos são da mesma nação, que vivem em condições geográficas idênticas ou semelhantes, e que todos têm os mesmos costumes e tradições regionais. Sobretudo o bispo diocesano deve ser para eles um laço de união.

## **A paróquia como comunidade**

De modo especial nos interessa a união sociológica entre os fiéis da mesma paróquia. Aí ela deve atingir seu ponto máximo, pois o princípio que orientou a criação das paróquias foi este: O pastor deve conhecer suas ovelhas", o que inclui que os fiéis devem ter a possibilidade de ter convivência social. E' isto que a sociologia chama de "comunidade".

Assim concluímos que a paróquia só desempenha o papel a que foi chamada na Igreja, na medida em que se torna uma comunidade em Cristo.

Passamos a citar as palavras de Pio XII: "A paróquia é a educadora da vida social, por causa de suas dimensões humanas que permitem à vida de comunidade atingir sua finalidade, a união entre os homens pelos laços da amizade. Nesta grande família, na qual o sacerdote é o pai, na qual ninguém é estranho aos outros, e em que na medida do possível a alegria e o sofrimento de cada um são a alegria e o sofrimento de todos, o cristão descobre as exigências cotidianas da caridade" (Ephem. Theol. Lov. XXIX, 1953, pág. 716).

Aí temos uma primeira noção da palavra: comunidade paroquial. Aos poucos há de tornar-se mais clara.

## **Importância da pastoral da comunidade**

Podemos, então, distinguir dois tipos de pastoral: a que procura atender diretamente às necessidades dos fiéis individualmente e a que procura em primeiro lugar formar e aperfeiçoar a comunidade paroquial.

A pastoral da comunidade é muito importante: ela deve criar na paróquia um ambiente que ajude os fiéis na vivência de sua religião e que possa atrair os pecadores e acolher os arrependidos. Na ausência deste ambiente, os

esforços apostólicos em benefício dos indivíduos tornam-se menos eficientes ou de resultados passageiros. É o que se dá muitas vezes com a Ação Católica: muito esforço e pouco resultado. A causa é que quase não existe a comunidade paroquial da qual devem partir e para a qual devem convergir tôdas as iniciativas apostólicas, pois ela é a Igreja "hic et nunc".

Na época atual, a pastoral da comunidade adquiriu uma importância especial, uma vez que a civilização moderna e o crescimento das cidades por imigração tende a destruir a base da comunidade paroquial, a saber a convivência social entre os paroquianos. Destruída esta convivência, a paróquia torna-se, sociologicamente, um aglomerado de indivíduos que, embora tendo a mesma fé e o mesmo chefe, deixa de ser uma comunidade. Assim, a formação de comunidades paroquiais é um problema da atualidade.

No próximo artigo veremos as tarefas que cabem à comunidade paroquial e depois a responsabilidade do vigário e dos leigos, para, aos poucos, chegar à estrutura da comunidade paroquial.

---

## BIBLIOGRAFIA

**Cônego Christofaro — O CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II** (167 pgs.) — Editora Mestre Jou, S. Paulo, 1962.

Éis um livrinho que apareceu na hora oportuna. Simples, despretencioso, pequeno; mas claro, elegante, informativo. Em linguagem jornalística, soube o autor apresentar o assunto com leveza, acompanhada, porém, de seriedade e exatidão históricas.

Constituirá esta publicação excelente fonte de referência a quantos alheios às questões conciliares ou falhos de tempo queiram, por curiosidade pessoal ou necessidade de profissão, contar com dados e citações comprobatórias de fatos relacionados com a matéria em vista.

Em trechos rápidos e concisos a se lerem com agrado, o Cônego Christofaro expõe com precisão o quanto se torna indispensável conhecer-se sobre o tema. Apenas o título: O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA, subdividido em cinco itens, ultrapassa as três páginas com que geralmente fica redigido cada tópico.

Valioso este livrinho, porque além do seu valor intrínseco, ele nos traz os últimos dados e as informações mais recentes sobre o Concílio Vaticano II, prestes a realizar-se. Este aspecto é muito importante sobretudo devido à carência bibliográfica sobre o assunto e à insegurança informativa de nossa imprensa em geral.

De apreciar também, e muito, o espírito eclesial com que está redigido.

Tal livrinho pode facilitar artigos radiofônicos ou pequenos artigos para a imprensa, aulas de religião, etc., pelo que merece a maior divulgação.

Excelente livro de propaganda, e da melhor, está realmente cumprindo o desejo de S.S. o Papa João XXIII, conforme vem estampado, numa das páginas a abrirem o opúsculo: Desenvolveram-se as iniciativas que se revelarem oportunas e aptas a ilustrar para os fiéis a importância e os objetivos do próximo Concílio.

TEOLOGIA DA OBEDIÊNCIA E DA AUTORIDADE SEGUNDO PIO XII

Pe. Bertrand de Margerie S. J.

(Continuação do número anterior)

Estas ponderações enquadram-se facilmente dentro da realidade brasileira de hoje. No outono de 1961, a comissão episcopal da Ação Católica e de Apostolado dos Leigos queixava-se de "tendências laicizantes", "da parte de certos grupos católicos, dentro e fora da Ação Católica", dum "espírito de desconfiança relativamente à Hierarquia Católica e ao Clero... É preciso que os moços entendam o papel da hierarquia, que é orientar, disciplinar, corrigir, advertir, traçar diretrizes, com o direito de ser ouvida, acatada, **não discutida**" (21). Não nos iludamos: tais "tendências laicizantes" podem também penetrar nos seminários e nas casas religiosas... A 6 de abril de 1962, Sua Eminência Dom Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro e Presidente da Conferência Nacional dos Bispos, revelava, numa palestra radiofônica, o programa do partido comunista do Paraná para 1962:

"durante as férias, desviar o número maior de seminaristas" induzindo-os à "indisciplina, deslealdade e fingimento".

Se aproximarmos este fato dum outro não menos público, a atitude favorável ao regime castrista ou ao socialismo assumida no Brasil por alguns sacerdotes e mesmo por religiosas, ficamos convencidos de que os Superiores Maiores serão muito ponderados se, antes de os admitirem aos votos perpétuos ou às ordens **menores** (e não só maiores) examinarem as tendências ideológicas dos candidatos. Não preparemos para a Igreja de amanhã sacerdotes semi-marxistas, religiosos "inocentes úteis"! A segurança quanto à perseverança na virtude **teológica** da fé ortodoxa é ainda mais importante que a possibilidade de guardar ilibada a virtude **moral** da castidade!

Fechado este parêntese sobre a atualidade brasileira, voltemos à doutrina de Pio XII. Ele nos falava de livre **imolação** da liberdade, de **renúncia**, e aludia ao exemplo de Cristo obediente até a morte. De fato, **a teologia da obediência insere-se na teologia da Redenção**. Ouçamos ainda Pio XII:

"O mistério da divina Redenção é um mistério de justo amor da parte de Cristo para com seu Pai celeste, a quem o sacrifício da Cruz, oferecido com Coração amante e **obediente**, apresenta uma satisfação superabundante e infinita pelo pecados do gênero humano: Cristo, **sofrendo por caridade e obediência, ofereceu** a Deus alguma coisa de valor maior do que o exigia a compensação por tôdas as ofensas feitas a Deus pelo gênero humano" (22).

21) R. E. B., dezembro de 1961, pp. 946 e 949.

22) Pio XII, encíclica sobre o culto do Coração de Jesus, D.P. 117, § 21.

O religioso e a religiosa sabem que participarão da obra redentora de Cristo, antes de mais nada, por sua obediência amorosa. No Batismo, e mais ainda na Crisma, receberam em abundância os dons do Espírito Santo, aumentados com cada acréscimo de graça santificante, e, em particular, os dons de Inteligência, Conselho e Fôrça. Logo, a imolação, a renúncia, tornam-se fáceis, agradáveis, deliciosas e fecundas, sempre que forem unidas à Paixão de Cristo, que submeteu seu juízo humano ao decreto de sua própria morte promulgado pela Sabedoria de sua Divina Pessoa.

Cristo crucificado é a solução da máxima dificuldade da obediência para muitos dos nossos contemporâneos: renunciar a tal apostolado ou modo de apostolado. "Nessa hora em que **sofria o maior abandono** sensível, realizou a **maior obra** que superou os grandes milagres e prodígios operados em tôda a sua vida: a **reconciliação do gênero humano com Deus pela graça**", escreve magnificamente São João da Cruz (23). Como e com Jesus, **construiremos a Igreja**, nascida do seu Coração transpassado, **não sobretudo pela ação, pela ação externa** e transeunte, **mas pelo oferecimento interno** desta ação e muito mais ainda **dos sofrimentos e das renúncias** inerentes ao exercício da obediência, em prol das almas! Em prol de tantas almas que a nossa palavra ou pena nunca atingirá diretamente! A obediência amorosa é corre-dentora das outras liberdades criadas.

Resumamos esta segunda parte: a livre imolação da liberdade em prol da Igreja, e em união com Cristo livre e obediente, liberta o religioso em que permanecem ainda os traços da escravidão demoníaca do pecado original.

### III — Autoridade obediente, firme e suave

A) Em primeiro lugar, Pio XII focaliza um ponto raramente valorizado antes: o **Superior**, ou a Superiora, num Instituto de direito pontifício, **participa da autoridade do Soberano Pontífice**, e logo tem que ser o primeiro a lhe obedecer. Cada Superior religioso tem um **poder dominativo de ordem pública**, e não só privada. Não é só como um pai ou uma mãe de família que governa seus súditos, mas como chefe duma célula eclesial de direito e interesse público. Na sua alocução de 1958 aos Superiores Gerais, Pio XII o dizia implicitamente ao afirmar, mesmo aos Superiores de Congregações não clericais:

"Recebemo-vos como **sócios de nosso supremo ofício**, pondo os fundamentos de vosso poder, chamado dominativo, ao aprovar vossas próprias Regras e Estatutos. De onde segue que exerçais a vossa autoridade conforme o espírito da Igreja e o nosso" (24).

Claro, a expressão de "poder dominativo" deve ser entendida também conforme ao espírito do Evangelho, da Igreja e de Pio XII. O mesmo Papa dizia numa outra alocução aos religiosos:

"O Superior exercerá os seus poderes dentro do mesmo espírito

23) São João da Cruz, "A subida do Monte Carmelo", livro II, capítulo 7, § 11.

24) Pio XII, discurso aos Superiores Gerais, 11 de fevereiro de 1958, D. P. 139 § 88.

evangélico: que o maior entre vós se comporte como o menor, o que manda como o servo" (Luc 22, 26) (25).

Isso quer dizer, concretamente, que, no exercício da sua autoridade, o Superior manda, lembrado de que êle mesmo é súdito, **manda como súdito**, manda para fazer observar integralmente as vontades dos Superiores Maiores e as do Santo Padre, a fim de corresponder integralmente às intenções de Cristo Jesus, Cabeça invisível da Igreja. "**Ego obediens praecipio**".

Na Igreja, cada Superior, exceto o Santo Padre, tem sempre um Superior visível, e, logo, é um Superior intermediário. Ora, é bem sabido que uma das maiores dificuldades dos Superiores intermediários, em qualquer grau da hierarquia, está nisto: conseguir que as vontades dos Superiores Maiores sejam executadas fiel e integralmente pelos inferiores. Às vêzes, o Superior intermediário está como que tomado entre dois polos opostos: as vontades dos Superiores maiores, os desejos dos inferiores.

"Ego obediens praecipio"! Eis a solução da dificuldade. Com palavras **explícitas** e convicção profunda, o Superior intermediário relembra aos inferiores: "Não estou mandando em meu próprio nome, mas em nome dos Superiores Maiores, do Santo Padre, de Jesus "única Cabeça principal da Igreja" (26). Não é preciso mandar em nome e virtude do voto de obediência para dizer isto ao inferior, e lhe facilitar desta maneira a tarefa de se submeter com alegria sobrenatural. A uma ordem dada duma **maneira** explicitamente sobrenatural corresponderá uma obediência sobrenaturalmente **motivada**, e, logo, mais fácil.

Mas isto supõe evidentemente um **Superior corajoso e humilde**. **Humilde**, porque nunca se cansara de rememorar em voz alta que tôda sua autoridade lhe é delegada, transmitida. **Corajoso**, porque exigirá o cumprimento integral, sem exagêro nem transigências ou condescendências culpáveis, das vontades do Santo Padre e dos Superiores Maiores (o que supõe que êle tenha feito **seu** o juízo dêles, e manifeste oralmente tal conformidade...) ao mesmo tempo que **informará** êstes sôbre os problemas e as dificuldades dos inferiores. Com as devidas transposições, pode ser aplicado ao contato com os Superiores Maiores o que Pio XII dizia a êles sôbre suas próprias relações com a Santa Sé.

"Na encíclica "Humani Generis", frisamos que a **vontade de evitar o contato** e de se manter à distância foi uma razão importante dos erros e dos desvios que ali se acham assinalados; e essa atitude lamentável foi obra, em particular, de certos membros dos estados de perfeição. Esse contato, para ser eficaz, deverá ser cheio de confiança, de sinceridade, de docilidade.

A Sé Apostólica deseja receber de vós **informações não sômente verdadeiras, mas ainda francas** (o Papa quer dizer: completas) que permitam conhecer o verdadeiro estado de cada comunidade no que concerne à doutrina e à vida, à formação ascética e à observância, à disciplina religiosa e à ad-

25) Pio XII D. P. 139, § 72.

26) Pio XII, encíclica sôbre o Corpo Místico de Cristo, Vozes, D. P. 24 § 40.

ministração temporal, e assim por diante. Só então é possível promover o bem e corrigir a tempo o mal, porquanto, nas disposições de espírito favoráveis de que falamos, as respostas, regras e instruções da Santa Sé produzem todos os seus frutos" (27).

**Mutatis mutandis**, vale ainda das relações entre Superiores locais e Cúrias generalícias o seguinte parágrafo "sobre a vontade de centralização que muitos emprestam à Santa Sé e lhe censuram":

"O termo centralização pode designar um sistema de governo que pretende chamar tudo a si, decidir tudo, dirigir tudo, reduzindo os subalternos ao simples papel de instrumentos. Esta centralização é absolutamente estranha ao espírito dos Pontífices Romanos e da Sé Apostólica. Mas a Santa Sé não pode renunciar à sua qualidade de **centro diretor da Igreja**. (28). Mesmo deixando aos Superiores constituídos as iniciativas previstas pelas Constituições, deve ela reservar-se o seu direito e exercer a sua função de vigilância" (29).

Podemos resumir o que Pio XII esperava dos Superiores intermediários nestas palavras que dirigia aos Superiores Gerais:

"A zelosa submissão para com a Cátedra de Pedro e o Vigário de Cristo, que é comum a todos os fiéis, deve ser inteiramente observada por vós, que vos esforçais por alcançar a perfeição. Esta Sé Apostólica sabe que haveis de ser-lhe submissos acima dos demais... Haveis de ser, mais de todos, modelos e executores da disciplina eclesiástica" (30).

Palavras particularmente atuais: perante as normas traçadas por João XXIII quanto ao uso da língua latina nos Institutos clericais, não toleraremos "nenhuma convivência com os que pretendem que a norma da ação e da procura da salvação é aquilo que se faz, antes que aquilo que se deve fazer", como pedia Pio XII aos Jesuítas (31); perante as ameaças de cisma provocadas pela tática comunista em China, e nos países "satélites", cada religioso, cada religiosa, lembrar-se-á de que deve obedecer ao Pontífice Romano, que é sempre seu Superior **imediate**, antes de obedecer a qualquer outro. Exemplos históricos recordam-no-lo: Provincial, mesmo um Bispo pode tornar-se cismático! Todos os religiosos, tôdas as religiosas devem perceber as consequências práticas da verdade **revelada**, e definida como dogma católico pelo primeiro Concílio Vaticano: o primado de poder **ordinário e imediate**, sobre "os fiéis de qualquer rito e dignidade, tanto cada um em particular, como todos em conjunto, não só nas coisas referentes à fé e aos costumes, mas também nas que se referem à disciplina", do Pontífice Romano.

27) Pio XII, II Congr. Est. Perf., D. P. 139, § 81-2.

28) Pio XII explicou mais claramente a base dogmática desta afirmação aos Bispos, em 1954: "Esta conveniente comunicação de problemas à Santa Sé deriva do direito divino e dum elemento próprio da mesma constituição da Igreja, "isto é, a constituição divina da Igreja, edificada sobre a primazia de Pedro, traz consigo uma centralização moderada. (D.P. 109, p. 23, § 24).

29) Pio XII, D. P. 139, § 83 (discurso ao II Congresso dos Est. de Perf.).

30) D. P. 139, § 107.

31) Discurso de Pio XII aos Jesuítas, REB 1958, p. 217.

"Se alguém disser que este seu poder não é ordinário e **imediate**, que sobre todas e cada uma das igrejas, quer sobre todos e cada um dos pastores e fiéis, seja excomungado" (32). Trata-se duma "**disposição divina**", e não eclesiástica, ao contrário daquelas que instituíram as várias congregações religiosas ou dioceses. Logo, deve obedecer ao Papa, normalmente através dos Superiores, e, se preciso for, sem nenhuma mediação ou contra a vontade dum Superior desobediente ou cismático! Isso deve ficar perfeitamente claro e límpido mesmo aos olhos das Irmãs conversas noviças, e aos dos noviços que não se destinam ao Sacerdócio nas Congregações clericais.

### B) Autoridade firme

"Pertence a vosso ofício, dizia Pio XII aos Superiores Gerais em 1958, por meio de exortações, conselhos, **censuras**, e, mais ainda, quando tal for necessário, **punições**, ajudar e sustentar, com firmeza paterna, vossos súditos no caminho reto... A paterna e verdadeira caridade mostra-se não só acariciando mas também dirigindo e castigando. Que essa firmeza nunca seja dura, nunca irada, ou menos discreta; seja sempre reta e serena, mansa e misericordiosa, pronta para perdoar e ajudar o filho que tentar levantar-se do erro ou da culpa" (33).

### C) Autoridade suave

Todas estas qualidades da verdadeira e caridosa firmeza não são senão a decorrência do **respeito profundo do Superior para com seu inferior**. Um Superior, uma Superiora, dignos deste nome, deve sempre julgar seu inferior como espiritualmente superior a si (cfr. Fil, 2,3). "A firmeza necessária acompanhar-se-á sempre do respeito profundo e da delicadeza de um coração paternal" (34).

No caso das religiosas, é preciso insistir sobre esta mansidão necessária no Governo. Pio XII dizia com muita franqueza às Superiores femininas, a 15 de setembro de 1952:

"É provavelmente verdade que a mulher revestida de autoridade não consegue tão facilmente como o homem equilibrar exatamente severidade e bondade. Razão suplementar para cultivar vossos sentimentos maternos (poderíamos comentar: sem "maternalismo"! ). Deveis ser **maternais** em vosso comportamento externo, em vossas palavras, em vossos escritos, e **sobretudo em vossos pensamentos íntimos**, em vossos juízos, e, na medida do possível, em vossa sensibilidade. Pedi cada dia a Maria, Mãe de Jesus, e nossa Mãe, que vos ensine a serdes maternas" (35).

Por que não acrescentar que os Superiores masculinos não chegarão a ser "paternais" se não fizerem esforços para ser "maternais"? Não escrevia Paulo aos Gálatas: "Meus filhinhos, por quem de novo sinto as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós" (4,19)?

32) Texto do Concílio Vaticano I sobre a Igreja, D. P. 96, § 1827 e 1831 (Denzinger)

33) Pio XII, D. P. 139, § 105.

34) Ibidem, § 72.

35) Acta Apostolicae Sedis, 1952, pp. 825-6.

Como conseguir esta firme suavidade no exercício duma autoridade obediente? Pio XII ainda aqui tem respostas para nos oferecer:

"O Superior prudente, de bom grado **pedirá e ouvirá muitos conselhos**; repassará sempre e ponderará em seu espírito as máximas dos homens sábios e doutos. **Não deve nunca confiar em si próprio** como se o perigo de errar não ameaçasse sempre a quem quer que seja na terra.

Depois, na medida do possível, ouvidos **em primeiro lugar** aquêles que a própria Regra lhe concedeu como conselheiros natos, feitas muitas preces ao Espírito de Conselho, consideradas maduramente tôdas as coisas, seja adotada uma certa e determinada resolução; não se tema impô-la de modo conveniente aos súditos, com paternal e humilde firmeza, e informar com a mesma os atos e a vida dos mesmos" (36).

Se o Superior deve pedir e ouvir em primeiro lugar os conselhos dos conselheiros natos, isso insinua que poderia pedir em segundo lugar os conselhos dos... outros religiosos! São João Clímaco, na "Escala do Paraíso", vai até sugerir ao Superior pedir conselho a cada um dos seus inferiores em um ou outro domínio da competência dêles. Que admirável fineza psicológica! Com efeito, não se poderia imaginar meio mais adequado, no nível natural, para estabelecer um diálogo confiante com o inferior, e lhe possibilitar o exercício, em domínios que não são necessariamente de sua competência, dêste direito e dever de representação de que falamos antes! É desta maneira que todos os religiosos, inclusive os de sexo masculino, poderão verificar a realização concreta dum outro desejo de Pio XII:

"Quer se trate de educação, pedagogia, atividades artísticas ou outras, a Irmã deve ter esta impressão: a Superiora está-me tornando possível uma formação que me coloca num pé de igualdade com minhas colegas no mundo" (37).

Concluamos. **Pio XII** foi, mais do que qualquer outro Papa, **o arauto doutrinal da vida religiosa** (38). Ele nos deixou, nos seus numerosos discursos e escritos, uma doutrina da obediência que prolonga e atualiza o pensamento tradicional da Igreja. Na raiz e base da obediência está a humildade, no cume o perfeito amor de Deus só. "O espírito de humildade, **iluminado pela fé**, dispõe a alma à imolação da vontade por meio da obediência" (39). A obediência, **virtude moral**, fica assim **subordenada às virtudes teológicas**.

Ao pôr em execução esta doutrina, cada um de nós acabará a libertação da sua própria liberdade pela liberalidade da obediência, e capacitar-se-á para inculcar aos outros o amor, a estima, a paixão, a sêde insaciável duma perfeita obediência de vontade e de juízo à Espôsa de Cristo, à Igreja Romana. Desejará que muitos abracem os conselhos evangélicos, e, em particular, aspirem ao mais importante: obedecer com Cristo e a Cristo até a morte, para acabar a construção da Igreja, mãe e protetora de tôdas as liberdades.

36) D. P. 139, § 95.

37) Pio XII, Acta Apostolicae Sedis, 1952, p. 826.

38) Ponto focalizado pelo Pe. R. Carpentier S. J., no seu livro: "La vie Religieuse, Documents Pontificaux du règne de Pie XII", Bonne Presse, Paris, 1959.

39) **Fa. XII**, D. P. 63, "a santidade da vida sacerdotal", § 19.

## OS GRAUS DA CONTEMPLAÇÃO

Pe. João E. Betting Csr

(Continuação do número anterior)

5. Se estabelecemos graus, que a alma alcança progressivamente, isto não quer dizer que, uma vez alcançada certa etapa, a alma praticará sempre aquêle grau de oração. Não. A graça de Deus é intermitente. Mesmo nos estágios mais elevados da mística, a alma desce habitualmente à oração da união, ou até da quietude. E, estando nos graus inferiores, é a sua oração comum a quietude; às vêzes também terá de retornar à oração mental (da simplicidade), como qualquer cristão de Deus.

6. Dizem ainda que o amor não conhece regras rígidas; êle vive da inspiração do momento. Mas em todo o caso, cresce o nosso amor. Cresce orgânicamente. Todo o crescimento tem suas normas e leis, não matemáticas mas psicológicas; são sempre leis. **Nemo repente fit summus**, diz Gregório Magno.

E não são iguais os atos de amor. A alma percebe nitidamente que na união transformativa ela ama de uma maneria inteiramente nova, diferente daquele amor com que amava Deus na união extática. Há progresso perceptível também por nós.

### A Classificação Teresiana

Ela se baseia inicialmente sôbre a progressiva absorção ou possessão das faculdades psíquicas pela graça infusa, fenômeno êste que é chamado ligamento ou ligadura. Oração do Recolhimento é ligamento do ínteleto (?). Quietude é ligamento da vontade. União simples, ligamento dos sentidos internos, principalmente da fantasia. União extática é ligamento dos sentidos externos do que resulta o êxtase. Deus se apodera progressivamente da alma e de tôdas as suas faculdades até terminar numa transformação e fusão total no assim chamado matrimônio místico.

Poulaïn reduziu tudo a uma fórmula prática e simpática: união incôpleta (quietude), união completa, união extática, união transformativa. "Para os quatro graus superiores do Castelo não pode haver contestação. Uma vez que suas três primeiras etapas são o estado fraco, médio e forte de uma graça que é fundamentalmente idêntica, pode-se apostar cem contra um de percorrê-las na linha ascendente" (30, 9).

Mas vêm as objeções. E de um lado inesperado, o grande místico Lallement que rejeita categòricamente a classificação teresiana. Sua argumentação: "Os graus da contemplação são, segundo uns, 1) recolhimento das potências, 2) o meio-arrebatamento, 3) o pleno arrebatamento, 4) o êxtase. Mas

esta divisão não exprime tanto a essência da contemplação como seus acidentes. Uma alma pode ter, sem arrebatamento, uma luz muito mais sublime, um conhecimento muito mais claro, uma operação divina mais excelente que uma outra com arrebatamentos extraordinários e êxtases. A SSma. Virgem foi mais elevada na contemplação que todos os anjos e santos juntos; no entanto, ela nunca teve arrebatamentos (aliás, **faveas probare!**). Nosso Senhor gozava da visão beatífica sem êxtases (ora, o Filho de Deus está fora das nossas categorias). E os bemaventurados no céu terão uso dos seus sentidos perfeitamente livres (é que já estão na glória)" (VII, 4, 7, 1).

Lallement não menciona o nome de Sta. Teresa nem usa de sua terminologia, mas refere-se sem dúvida à doutrina carmelita; o contexto é claro.

Ora, é preciso distinguir. Essencial é o grau de amor. Mas o avanço progressivo da influência divina do centro até à periferia do ser humano, até aos sentidos externos, não é puramente accidental; é **proprium consequens naturam**. O ligamento progressivo é o ressumar da graça interna que transborda e inunda em sucessivos círculos concêntricos os patamares do castelo espiritual. À medida que o incêndio interno do amor aumenta, lançando suas labaredas ao derredor, desfalecem os "guardas" do castelo a começar com o chefe-castelão, o intelecto, até aos últimos infantes da sentinela. Desfalecem às vèzes mais, às vèzes menos, conforme a sensibilidade de cada alma ou a veemência do carisma. É redundância do amor interno. Assim êste progresso extensivo corresponde — normalmente e com largas margens de transição — a um progresso intensivo, interno.

Pelo menos assim o entende Sta. Teresa. Pois ela assinala, vez por vez, em cada grau e em cada sub-grau, o progresso correspondente em virtude. Algumas citações respigadas de Vida, creio que não deixam dúvida alguma a respeito do pensamento da Santa:

"Este água de grandes bienes y mercedes que el Señor da aqui hacen crecer las virtudes muy más sin comparación que en la oración pasada, porque se va ya esta alma subiendo de su miseria... Comienzase luego en llegando aqui a perder a codicia de lo de acá" (Quietude — Vida 14,5). Desapêgo, portanto, o mais substancial progresso espiritual.

"Comienzan estos árbol es a empreñarse para florecer e dar despues flores y claveles lo mesmo para dar olor" (Vida 14,9).

"El tercera água... Ya ya se abren las flores. Ya comienzan a dar olor" (Sonho Espiritual — Vida 16,3).

"Lo que la pobre de el alma con trabajo por ventura de veinte años de cansar el entendimiento no ha podido acaudelar, hacelo éste hortelano celestial en un punto y crece la fruta y madurala" (Vida 17,2).

"Las virtudes quedan ahora más fuertes que en la oración de quietude pasada, que el alma no las puede ignorar" (Vida 17,3).

Oração de União simples. Vida 19,2: "Está muy más aprovechada y altamente que en las oraciones pasadas y la humildad más crecida". Vida 19,3: "Ya las flores tienen tan crecido el olor que les hace desear... Entiende que tiene virtudes".

Oração extática. Vida 20,34: "Eso entiendo yo y he visto por espíriencia: quedar aquí el alma señora de todo y con libertad en una hora y menos, que ela no se puede conocer". Vida 20,29: "Aquí se gana la verdadera humildad". Vida 21,5: "Llegada un alma aquí, nos es solo deseos los que tiene por Dios: su Majestad la da fuerzas para poner los por obra". Vida 21,8: "Puede obrar el Señor en el alma en un rabto de éstos que quede poco que travajar a el alma en adquirir perfección".

Da União Transformativa será desnecessário citar textos **quia patet** a transformação total.

Realmente "**docet gradus orationis quot numerantur, veluti totidem superiores in christiana perfectione ascensus esse**" (Pio X, AAS VI(1914), 144).

### Saudreau

Apesar destes textos evidentes, renova Saudreau (Etat Mystique, 88 ss), as objeções de Lallement e nega ser possível uma graduação válida e, em todos os casos, ser impossível medir a intensidade pelos efeitos externos da ligação.

1. Êxtase não é prova de maior perfeição. S. João da Cruz diz que êles acabam após a noite do espírito. Um místico na união transformativa é portanto mais perfeito sem ter êxtase do que seu colega do andar de baixo. Bernardete Soubirou ficou extática diante da gruta, mas sem ter o grau de amor de Teresa d'Ávila ou de João da Cruz em seus êxtases. Os santos não desejam êxtases e condenam desejá-los. Assim Saudreau.

Todos êstes argumentos estão certos, mas são **praeter rem, non contra**. Êxtases, diz Sta. Teresa, são fraquezas (Moradas 7,3; Relación 12) que, após o fortalecimento da alma no matrimônio místico, cessam mais ou menos por completo. E' bem possível que algum santo robusto, de nervos fortes, atravessasse tôdas as fases até ao fim sem desfalecer em êxtases; diante das inundações catastróficas do Amor Divino, êle consegue sua calma e seu equilíbrio mental; a grande maioria, porém, "normalmente" baqueia — êxtases são portanto sinal que o Amor subiu...

Um **Nota bene**: os êxtases de Sta. Bernardete e de outras crianças extáticas, aos 4, 6, 9 anos, são êxtases proféticos, não místicos. Seu funcionamento psicológico é igual mas êles pertencem à categoria teológica dos milagres, dos carismas, enquanto o êxtase místico é reflexo psíquico de elevado amor divino.

2. Saudreau apresenta em seguida um esquema bastante simples: um ternário de estado místico árido, estado místico consolado e estado místico completo (união de tôdas as faculdades). É de notar, segundo êle, que o estado árido não é inferior ao consolado ou vice-versa; são formas paralelas. E o estado completo só é superior se êle atinge um conhecimento de Deus puro e simples, além e acima de formas mentais, citando Saudreau a S. João da Cruz (Subida 2,18) com uma descrição da contemplação nas Trevas Divinas (**contemplatio in caligine**) que já é um preâmbulo da união transformativa. Puderal Nem para nós consiste o progresso somente na maior ou menor participação das faculdades mentais ou sensíveis na oração; e as aridezes da Noite do espírito são bem mais "perfeitas" que as doçuras da união simples ou extática.

## Escala Mística

Existem graus na oração mística. A descrição pormenorizada das diversas fases rompe os limites deste artigo. Aqui procuraremos dar uma análise psico-teológica desta escala ascendente, com o intuito de ganharmos uma compreensão melhor, mais aprofundada de sua razão de ser.

1. Inicia-se a "oração sobrenatural" segundo Sta. Teresa com o **Recolhimento**. Seria simplista demais defini-lo como ligamento do intelecto, enquanto, a fase seguinte, a quietude, é o ligamento da vontade. Pois a ação divina agora já atinge a vontade também. "Há de estar ya despierta el amor" (Moradas 4, 3, 4). O Recolhimento sobrenatural é o toque de chamada, toque de alerta, que põe a alma em estado de prontidão para a próxima chegada do Rei (4, 3, 2). É "um dilatamiento o ensanchamiento en el alma" (4 3.9.). Mobilização geral de espera, de atenção, de alerta. Possivelmente idêntico com a oração de simplicidade.

2. Depois começa a invasão divina, "ligando" a vontade. Começa pelo centro, a vontade. É a oração de **Quietude**. E ligamento da vontade é em termos teológicos: infusão de amor. Com maior ou menor frequência atinge também o intelecto. Atinge às vezes tôdas as faculdades internas da nossa alma: sentido comum, fantasia, memória, as quais ficam — nota Sta. Teresa — "engolfadas", ainda não "unidas".

3. grau: a **União**. É "suspensión de todas las potencias" (Moradas 5, 1, 3). É o ligamento de tôdas as faculdades mentais, sua passividade psicologicamente falando. E em linguagem teológica: Deus põe em ação tôdas as faculdades internas da alma. Deus, não nós. Deus produz fé, esperança e amor através e por meio de tôdas as nossas potências mentais.

Mas não foi êste estado já o último grau da Quietude? Não. Há algo mais. Há união com Deus. "Lo que es unión, ya se está entendido, que es dos cosas divisas hacerse una" (Vida 18,2). Na Quietude a alma tem lá por dentro a impressão de uma calma geral, de descanso, silêncio, quietude... um prado florido, no meio do qual uma forte nascente jorra e esparge suas águas ao redor sem fazer ruído algum — as águas do amor de Deus. Na união, porém, a alma toma contato direto com Deus; sente suas faculdades, intelecto e vontade, ligadas, unidas, encostadas a Deus.

Êste contato, esta união a Deus se intensifica sempre mais e, na união extática, chega a uma veemência tal que os sentidos externos "desmaiam". A alma se concentra com tamanho ímpeto e violência sobre Deus, seu único amor, ou, para falar com mais correção teológica, Deus atrai a alma a si com tanta força, que ela se esquece do seu corpo, que não é mais capaz de dar um mínimo de atenção sequer à direção das potências exteriores e do seu corpo humano. Daí resulta o **excessus (extasis)**, um desfalecimento do contrôle psíquico. Segundo S. João da Cruz, é uma fraqueza provisória da alma ainda não afeita à violência, ao furação do Amor Divino. Esta união extática é essencialmente "união", diferenciando-se somente pelo maior grau de intensidade interna e pelo fenômeno acidental e secundário do êxtase.

A união extática, por sua vez, conta três fases: êxtase simples, arrebatamento e vôo do espírito. Contudo, não são etapas de passagem obrigatória, são variantes à livre escolha de Deus.

Até aqui a primeira etapa — a União Conformativa com três fases: Recolhimento, Quietude, União simples ou extática. Os membros desta divisão são um tanto díspares em seu valor e no tempo que ocupam na evolução espiritual. Visto que o Recolhimento é fase geralmente rápida e passageira, enquanto a união extática abrange anos e anos. Mas a divisão é lógica, fundamentada nos fatos. Agrada-me sobremaneira a proposta de Poulain de considerar o Recolhimento não como fase própria mas como uma quietude mais fraca; teríamos assim uma divisão límpida e clara: Quietude-União. Mas, por enquanto, prefiro seguir Sta. Teresa ao pé da letra; e ela bem parece distinguir entre recolhimento e quietude.

A segunda etapa é União Transformativa, que abrange três fases novamente: Trevas Divinas, Desponsório Místico e Matrimônio Místico. Entre União Conformativa e União Transformativa há a mesma distância, senão maior ainda, como entre meditação e contemplação. Começa algo totalmente novo e inaudito. A alma, em meio aos seus arrebatamentos extáticos, tem talvez a impressão de se ter aproximado de um limite máximo. E como fica "espancada" ao ver abrir-se perante seus olhos um novo mundo... ao sentir uma nova maneira de existir! "Pasa esta secreta unión en el centro muy interior del alma... Todo lo que se ha dicho hasta aqui (nas Moradas anteriores) parece que va por medio de los sentidos y potencias. Mas lo que pasa en la unión del matrimonio espiritual es muy diferente" (Moradas 7,2,3). É a inundação da alma pela vida divina. É uma fusão. É a transformação em Deus. A graça se apodera não só das potências mas da própria substância da alma. "El matrimonio espiritual es una total transformación en el Amado... está el alma hecha divina y dios por participación cuanto se puede en esta vida" diz S. João da Cruz (Cântico 22,3), "Vive vida de Dios... su entendimiento y el de Dios todo es uno... la voluntad de Ele y la de ella ya es una voluntad" (Llama 2,34). A alma vive e respira agora a vida divina. E ela ama a Deus com o amor do próprio Deus. Como uma gota de água se perde num barril de vinho, diz Sta. Teresa.

A união conformativa é mais "local", não vital. Ainda é diálogo, não monólogo. A união transformativa é vital, é monólogo; não é união, é unidade.

Esta transformação divina é definitiva, estável no matrimônio místico. Precedem-na repetidos atos passageiros de união transformante, atos êstes que se chamam Desponsório místico, noivado místico. São como que visitas passageiras do Espôso Divino. Este grau não é simplesmente a união extática. É algo superior, é a transformação substancial em forma passageira (cfr. Sta. Teresa, Moradas V,4,2, com VI,4,2).

Pede-se indulgência pelo vocabulário, desponsório-matrimônio. É emprestado do mundo profano. A analogia é bastante boa, embora claudicante

como tôda a comparação. Mas não deixa de ter seu sabor agridoce no mundo sobrenatural dos seres espirituais. Como também as palavras conformativa-transformativa não primam pela elegância. Mas, à falta de melhor, aí estão.

O desponsório místico, por sua vez, é seguido pelo que a mística medieval gostava de chamar as Trevas Divinas, **Caligo, Contemplatio in caligine**. Não é a Noite do espírito. Ao contrário, é um ato contemplativo de fortíssimo gôzo. Luz intensíssima cega os olhos da alma. O Ser Infinito transpõe e como que rompe com tôdas as categorias do intelecto humano. É a contemplação **per negationem**, i.e., a visão dos atributos divinos infinitos, que transcendem o raciocínio lógico. Sta. Teresa menciona o fenômeno. Sta. Ângela de Foligno o descreve melhor: "Oh, vi Deus em umas trevas... Não vejo nada e vejo tudo... Deus excede tudo... a Divina Onipotência, Sabedoria, Vontade que vi outras vêzes maravilhosamente, parecem ser menos do que isto. Isto é tudo. O mais, se diria, são partes" (Visiones 26; cfr. Sto. Afonso, Praxis IV,135). Dou a palavra a Arintero (Evolución mística 434): "Entre estes dos bien poderia considerar como verdadero grado intermedio la Contemplación Caliginosa que implica ya una unión más íntima, aunque también más oculta, que la del desponsorio y durante la cual se realiza lentamente el misterio de la transformación del alma".

Assim teríamos união conformativa com três graus intermediários: recolhimento, quietude, união. E a união transformativa com três graus subalternados: desponsório, trevas divinas, matrimônio.

As duas grandes etapas são preparadas por duas fases de purificação passiva, as célebres noites de S. João da Cruz. A Noite dos sentidos precede e acompanha e se confunde com as várias fases da quietude. A Noite do espírito começa com os êxtases e termina pelo matrimônio místico.

Ainda una voz do campo experimental da teologia mística. Um experimentado diretor espiritual estabelece os seguintes critérios subjetivos da graduação mística. Na oração da quietude a alma está diante de Deus como duas pessoas sentadas de frente, em silenciosa admiração. Na união, a alma sente-se junto a Deus, atraída por uma força magnética cada vez mais forte, chegando nos êxtases a um verdadeiro paroxismo, um arrebatamento. No desponsório e matrimônio místico a alma tem a sensação de estar "em Deus". Não é mais um tocar, abraçar, unir-se; nem um ser-invadido-por-Deus, mas um ser-envolvido-pelo-Infinito como uma gôta pelas águas do oceano (Hock, Linz. T. Q. 1923, 595 ss.).



A utilidade prática dêste estudo crítico limita-se ao uso do diretor espiritual. E ainda assim, de maneira bastante restrita. Se existe uma escala ascendente da vida de oração é interessante conhecê-la. **Deus dedit mundum disputationi eorum** (Eclé 3,11). Se uma alma tímida estranha cada novidade espiritual que surge no seu cenário íntimo, o diretor pode soçegá-la mostrando que há realmente tudo isto e ainda muito mais por vir.

Não poucos escritores receiam periclitar a virtude da humildade destas almas "privilegiadas". Porém será este o último perigo no caso. Afirma Sta. Teresa, com insistência, que a contemplação, se é realmente de Deus, deixa depois na alma uma profunda humildade, um vivo sentimento de indignidade e a sensação de não poder contribuir nem sequer merecer esta graça. Faltando pois este "ressaibo humilhante" após a contemplação, é sinal que tudo foi ilusão. Basta portanto dizer às almas que a tentação do orgulho por suas graças místicas é prova feita e lisa que não houve contemplação infusa alguma. ... Além disto, ao percorrer e subir as escalas, a alma passa por tão inúmeras provas agudas de aridez, desconforto, desespero, que ela perde toda a veledade de vanglória. E ainda há mais: a alma vê, vê cada vez melhor, com clareza inconfundível, que tudo é graça, dom gratuito, impossível o orgulho.

Mas, por outro lado, julgo perfeitamente inútil, tanto para o diretor como para o dirigido, saber exatamente, ou mesmo aproximadamente, o grau de oração em que se encontra num determinado momento. Merecidamente caçoa-se do ridículo de uma pessoa se tomar a temperatura três vezes ao dia. É Deus que age quando e como quer. Poulain analisa o estado místico e chega a uma totalidade de doze critérios. É uma pesquisa bem feita e útil para a ciência teológica. Outro é o caso de aplicá-los na direção espiritual. Uma "alma abscondita" analisa o livro de Poulain por ordem do confessor. Um interessante estudo de psicologia. Mas se fôr para averiguar a existência e a evolução do estado místico em sua própria alma, é totalmente inútil e boa perda de tempo. Importa não o saber, mas o amar.

Saudreau escreveu dois volumes com um total de 661 páginas sobre os degraus da vida espiritual: almas piedosas, almas fervorosas, unidas, heróicas, santas... indicando, a cada passo, a direção espiritual a aplicar. Mas para todas as fases místicas, até ao cimo, o estribilho é sempre igual: renúncia, desapêgo, generosidade. E é só. Quanto mais perto de Deus, mais simples a vida espiritual. Mas renúncia absoluta; desapêgo total, sem limites; generosidade em tudo e sempre sem feriado.

Anote ainda: a partir dos êxtases, o diretor seja generoso também em permitir mortificações, até heróicas. E, a partir dos êxtases, podem aparecer visões e revelações autênticas; antes da união extática, são todas suspeitas; e depois, ainda exigem grande cautela. Na Noite do espírito que ele reconhecerá logo pelas tentações contra a fé, esperança e amor, saiba o diretor animar, tranqüilizar e impelir à renúncia total. Eis tudo.

Terminamos.

Admiramos a progressiva divinização da alma cristã que é uma como que antecipação da glória. Leiamos, místicos e não-místicos, os livros de S. João da Cruz e de Sta. Teresa, livros escritos para "engolosinar a las almas de un bien tan alto" (Vida 18,8).

## COMO CUIDAR DA VIDA ESPIRITUAL DOS DOENTES NOS HOSPITAIS

Pe. Calisto Vendrame M.I.

Este pequeno trabalho se dirige àquelas que, nos hospitais, compartilham conosco a grave responsabilidade de cuidar da vida espiritual dos enfermos.

O tema que tratamos é muito amplo para podermos entrar em maiores detalhes. Pretendemos apenas apresentar algumas perspectivas e tecer algumas considerações que poderão, entretanto, sugerir inúmeras medidas de ordem prática.

Para maior clareza, vamos desdobrar o tema em cinco pontos:

1. Condição do enfermo no hospital;
2. A quem cabe a responsabilidade de cuidar de sua vida espiritual;
3. Qual o objetivo a alcançar;
4. Quais os meios de que dispomos;
5. Qual a tática a empregar.

### 1. Condição do enfermo nos hospitais.

Antes de tudo é preciso conhecer a condição real do enfermo a quem se quer levar o socorro espiritual.

Com o progresso e difusão dos conhecimentos psicológicos, já não é mais considerado espiritualoso quem diz que para ensinar matemática a João é mais necessário conhecer João do que matemática.

Embora morem todos sob o mesmo teto, os doentes do hospital apresentam diferenças tão marcantes entre si como os que estão residindo nos diversos pontos da cidade ou do campo. Porque os que hoje estão doentes são os mesmos que ontem andavam de pé.

Segundo estatística levada a efeito em Roma, no espaço de um ano passam pelos hospitais 40% dos habitantes, como pacientes, e outros tantos como visitas (cf. Domesticum 1959 pg. 75). Praticamente, em três anos, toda a população, de um modo ou de outro, passa pelos hospitais. O mundo dos doentes é tão vasto e tão variado como o mundo dos sãos, se é que podemos dividir a humanidade em homens em pé e homens deitados.

É fácil concluir que, para o trabalho apostólico e administração de sacramentos não podemos considerar o internado nos hospitais no mesmo nível dos que freqüentam nossas Igrejas. A igreja vai quem quer e são sempre os mesmos que vão. Ao hospital vão todos.

Na paróquia de V. Pompéia, com 70.000 almas, apenas 7.000 freqüentam a Igreja. E não é das menos praticantes da capital. Quer dizer que o 90% dos que demandam o hospital não pisam na Igreja.

Podemos concluir que no hospital a cura de almas assume aspecto de missão. E requer apostolado especializado.

No hospital, entra-se em contacto com o materialista, com o espírita, o judeu, o protestante, com o católico apenas de nome. Com o que tem um conceito vago e interesseiro da religião eivado de idéias supersticiosas, na base "do tu des". Ou que reduz a religião a sistema moralizante, mero fator de ordem que possibilite a convivência em sociedade, uma espécie de policiamento dos costumes.

Se às diferenças resultantes da atitude em face da religião acrescentarmos as que derivam da condição social do habitante da cidade, do campo, da favela, do rico, do pobre, do faminto, do culto, do analfabeto, mais as que se estabelecem pela qualidade da doença, teremos uma idéia, ainda que imperfeita, da complexidade e conseqüente dificuldade da assistência espiritual aos doentes nos hospitais.

Devemos reconhecer entretanto, que apesar de tudo, o enfêrmo, seja êle quem fôr, está em condições únicas de receptividade espiritual.

Com efeito a doença, derrubando o homem do seu pedestal de grandeza humana e fazendo-o entrar na categoria dos "economicamente improdutivos", tira a segurança em sí próprio, abaía profundamente a arrogante auto-suficiência que o levava a esquecer-se de Deus.

Com a evolução social que se está processando, o homem do dinheiro cede o lugar ao homem da competência técnica. A capacidade de trabalho começa a ter mais chance de sucesso do que a posse do capital. Assim o doente sente-se ainda mais infeliz e inseguro do que o pobre.

O impacto emocional que êle experimenta ao ser reduzido a número anônimo, entregue a profissionais que têm seus próprios interesses, dá-lhe uma visão mais exata dos verdadeiros valores. O doente busca instintivamente apoio em algo que o transcende. Torna-se bíblicamente pobre, capaz de ser evangelizado. O pobre e o enfêrmo voltam-se para a Igreja, como outrora se voltaram para Aquêle que veio evangelizar os pobres e curar os enfêrmos.

## 2. A quem cabe a responsabilidade

É óbvio que, em primeiro lugar, pesa sobre os ombros do Capelão a responsabilidade do cuidado pela vida espiritual dos doentes hospitalizados. Alí êle se encontra exclusivamente para êste fim. Tendo recebido mandato da Igreja, êle se torna chefe religioso da comunidade hospitalar como o Vigário é chefe da comunidade paroquial.

Contudo, também as Irmãs, revestidas do hábito religioso, como pessoas consagradas, estão lá como presença cristã, como igreja, em função apostólica. Não são **enfermeiras** religiosas — são **Religiosas** enfermeiras — preparadas pela Igreja que recebeu de Cristo a incumbência de evangelizar e curar os enfêrmos. Da mesma forma que a Igreja prepara Religiosas e as envia a ensinar nos colégios, ou missionar nas terras pagãs, assim forma outras, aprimora-lhes os conhecimentos religiosos, culturais e técnicos e as envia aos

hospitais para satisfazer o mandamento do Fundador: "curate infirmos" (Lc 9,2).

Mas todo o pessoal do hospital, ainda que em grau diferente, deve zelar pelo bem espiritual do enfermo. Pois aí estão todos a serviço da pessoa humana, como lembra o Código Nacional de Ética da ABEn às enfermeiras, às quais prescreve no art. 5.º:

"O enfermeiro respeita as crenças religiosas e a liberdade de consciência de seus pacientes e vela, com a necessária prudência, para que não lhes falte assistência espiritual".

Normas mais particularizadas prescreve para a enfermeira católica o Código Internacional de Deontologia do CICIAMS. Depois de lembrar o princípio, segundo o qual "a enfermeira procurará que o espírito cristão penetre em todos os membros da profissão", pede-lhe que "vele, com a devida prudência, para assegurar aos doentes o consolo espiritual, sempre tão necessário, levando em conta a religião que professam" (art. 4.º).

"Tratando-se de doentes católicos, a enfermeira considerará como seu dever proporcionar-lhes um sacerdote, contribuindo desta forma para a sua vida sacramental. Também dará sempre exemplo de profundo respeito pelos sacramentos (art. 5.º).

"Achando-se uma criança em perigo de morte, há dever grave de administrar-lhe o batismo" (art. 6).

"A enfermeira católica deverá, com discrição e prudência necessárias, contribuir para preparar para a morte, todo doente que se encontre neste transe" art. 8) (cf. Vida Camiliana 2 (1962), 63-64).

Também os médicos não se podem furtar ao dever de cuidar da alma dos seus pacientes. Graças a Deus a medicina moderna se orienta para o atendimento do homem total, unidade psicossomática. A psicologia profunda concorreu muito para esta orientação. Descobrimo a psique, os médicos descobriram a origem de muitos males que eles tentavam curar. Além das doenças reconhecidamente psico-somáticas, outras há mais profundas que não devem escapar à argúcia e aos cuidados do médico. O medo, o tédio gerado pela monotonia organizada, a dor moral, a angústia, só se curam restituindo à alma a serenidade do seu reajustamento interior. Só a harmonia com Deus criador e Pai pode dilatar o espaço interior e imunizar contra os impactos dos stress.

Além disto, em certos casos, o médico é a única pessoa capaz de penetrar na alma do paciente com a mensagem do Cristo e provocar a **metánoia** salutar.

Homens de fachada impenetrável e de coração empedernido, de falar arrogante e olhar desdenhoso, "super-homens" prepotentes que desconhecem a timidez e a candura, que nunca tremeram na vida, sofrem súbita e singular mutação ante o profissional de medicina. Ante seu olhar perscrutador tornam-se humildes e cândidos como crianças. O orgulho se desmancha e a alma se abre. É então que o médico, e só o médico, "com discrição, com

serenidade, com humanidade, pode curar-lhes a alma" (cf. Card. Siri, La patologia dell'anima" in "Or. Médico" 16 (1961), 11-12).

A própria administração do Hospital deve levar em conta o bem espiritual dos internados. É inconcebível que na construção de hospitais ainda se "esqueça" a Capela e o apartamento do médico da alma.

Diz sua Excia. Mons. Angelini, Ordinário dos Hospitais de Roma e Assistente da Associação dos Médicos Católicos da Itália: "Quisera sublinhar que a assistência espiritual por parte dos Sacerdotes nos Hospitais, antes ainda que ao enfermo, visa ao ambiente em que êste se encontra.

E' impossível uma assistência religiosa eficaz ao doente se o ambiente não é idôneo. O ambiente é formado pelos médicos, administradores, pessoal de enfermagem e auxiliar. Compete ao Capelão, sem interferir no que escapa à sua alçada, sem embarçar as atividades e o regulamento dos nosocômios, dar a tonalidade espiritual e sobrenatural ao hospital que por sua natureza é sagrado. Para se atingir plenamente êste objetivo seria oportuno que o Capelão estivesse presente, ainda que a título sòmente consultivo, no Conselho diretor do Hospital, a fim de pôr a disposição sua experiência e seu conselho" (cf. "Or. Médico" 16 (1961),5).

A administração só teria a ganhar com esta participação ativa do Capelão, cuja presença no hospital, dada a natureza do seu ministério e a influência nos seus contactos com doentes e funcionários, pode constituir-se em grande fator de harmonização, ordem e serenidade.

É o que nos hospitais mais atualizados já se está fazendo, haja vista o Hospital do Servidor, em São Paulo, com resultados os mais alentadores.

Para que a assistência espiritual nos hospitais não se limite à rotina sacramental, é necessário que o Capelão não esteja sobrecarregado. Número razoável de pacientes para cada Sacerdote é de 300. Êste número pode crescer muito em se tratando de doentes crônicos. Hospital com pronto socorro exige um Sacerdote permanentemente de plantão, além dos capelães requeridos pelo número dos internados.

É indispensável um clima de compreensão e colaboração entre todos os responsáveis pelo bem espiritual dos enfermos. Deve-se organizar o trabalho em equipe, com a chefia do Capelão. Para tanto devem-se realizar reuniões periódicas, para elaboração do plano de trabalho, contínua revisão e solução dos problemas ou casos que possam ocorrer.

O capelão deverá ser aberto ao diálogo e capaz de distribuir responsabilidades às Religiosas e aos leigos. Elementos da Ação Católica, da Legião de Maria e Associações religiosas podem prestar serviços inestimáveis.

Especialmente entre o Capelão e as Irmãs reinará a mais perfeita caridade e unidade de ação, zelando mutuamente pela boa fama e não exigindo mais do que a natureza humana pode dar.

Embora a assistência espiritual nos hospitais apresente características próprios, na elaboração dos planos de trabalho deve-se atender à **pastoral de conjunto** que está sendo laboriosamente organizada pela CNBB e CRB, em estreita união e obediência ao Pastor da Diocese.

A CRB acaba de constituir uma Comissão de Assistência à Saúde e Serviço Social, encarregada de estudar e orientar também a pastoral hospitalar.

### 3. Objetivo a alcançar

Nesta época da técnica, do contróle, da estatística, há tendência a contabilizar tudo, inclusive a religião. Entretanto nada há que escape ao contróle como a vida espiritual.

A clássica distinção entre católicos de nome e católicos praticantes pode facilmente levar a um erro de ótica e fazer crer que o trabalho apostólico deveria endereçar no sentido de elevar o número de **praticantes** e das práticas religiosas.

Entretanto, as práticas, a recepção dos sacramentos, a assistência à missa, são meios e não fim.

O objetivo a alcançar é que o Cristão **viva** a vida divina, a vida em **plenitude**, a **irradie**, de modo a formar no Hospital a **Comunidade dos filhos de Deus**. ("Vení ut vitam habeant et abundantius habeant", Jo 10,10; "luceat lux vestra", Mt. 5,16; "ut unum sint", Jo 17,21-23). Então o doente poderá valorizar a dor que nele prolonga a paixão de Cristo.

Para a maioria dos pacientes é a primeira vez que entram em contacto com a Igreja, que eles identificam, não sem razão, com as pessoas revestidas do hábito religioso. Necessitam de humanização e cristianização. Precisam conhecer o Cristo para se **converterem** isto é, para mudarem o seu pensamento e o seu agir.

Os sacramentos operam "ex opere operato", mas requerem disposição. Nada produzem contra uma mente pagã que precisa ser catequizada, modificada pela pregação. "Fides ex auditu (não "ex sacramentis"), auditus autem per verbum Christi" (Rom 10,17). É preferível antes que o paciente volte para casa angustiado, com desejo de mudar de vida, do que satisfeito consigo mesmo, papéis em regra, fita ao pescoço e alma pagã. Há o perigo de anestesiar as consciências, inflacionar o sacramento e baratear a religião, ou melhor, fazer crer que a religião não passa de práticas, quando ela é vida.

### 4. Meios

O primeiro meio de que dispomos é a **palavra**. Dela se serviu Deus no A.T., com ela aparece o Batista, dela se utiliza o mesmo Verbo de Deus Encarnado. A palavra está na base da atividade dos Apóstolos. Palavra que se torna testemunho. Palavra que se encarna no Cristão e se irradia pela conduta e se exprime pelos seus gestos e pelas suas palavras. Palavra viva e eficaz, mais cortante do que uma espada de dois gumes, que penetra até à divisão da alma e do espírito (Hbr 4,12).

A palavra provoca **metánoia** sem a qual o homem não se pode salvar.

"Si poenitentiam non egeritis omnes similiter peribitis" (Lc 13,5.3).

A palavra deve andar acompanhada pela oração. Oração do apóstolo, oração coletiva dos pacientes, oração do próprio catequizando.

Só depois vêm os sacramentos, os canais da graça; o sacrifício da Missa, quando possível.

## 5. Tática

Para que o enfermo aceite nossa mensagem, devemos conquistar-lhe a confiança. Que ele sinta que desejamos unicamente o bem dele.

O amor é industrioso, cativa e subjuga. O doente sente como ninguém a necessidade de ser valorizado. Ele se sente deslocado, um ser inútil, despersonalizado.

Com o nosso serviço, com as nossas atitudes, com as nossas palavras, ele voltará a sentir-se alguém, alguém da nossa família, nosso amigo, nosso irmão.

E não é difícil de conseguirmos isto, desde que em nossa atitude interior o tenhamos na conta de nosso chefe, de Cristo.

Isto exige um grande despojamento de si próprio que nos identifica com o enfermo, como S. Paulo, que se fazia judeu com os judeus e gentio com os gentios para todos conquistar a Cristo. Ou melhor, como o Verbo que se fez homem para conquistar os homens. Devemos adaptar-nos à mentalidade do camponês, do fazendeiro, do operário, do industrial, do ignorante, do culto, afim de ver pelo ângulo do outro. Não há elevação sem encarnação. Somos "pescadores" de almas. O pescador deve descer onde estão os peixes. E embora a gente goste de chocolate, quando pesca usa minhoca. Nunca darmos impressão de tratar melhor quem pratica a religião. A venda de objetos religiosos possivelmente produz efeito contrário ao visado.

Praticar a grande, hábil, sábia, rara virtude de saber ouvir. Quem ouve mostra apreciar quem fala. Depois de ter falado, o doente torna-se receptivo.

Chegada nossa vez de falar, façamo-lo falar ainda sobre sua condição social e religiosa. Conhecer bem o "João" antes de despejarmos nossos tesouros de sabedoria.

Abordar o doente com humildade e pôr-se a seu serviço, com disposição, com alegria, com competência, com delicadeza, com amor. Tornar indispensável a presença, das Irmãs nos hospitais. Quem saber sorrir, sorri ao doente, diz-lhe que está contente com a sua presença e com a própria profissão. Com o sorriso a esposa de Cristo mostra-se contente com a escolha que fez.

Uma oração do MFC assim reza: "Fazei, Senhor, que os máus se tornem bons, os bons se tornem santos, e que os santos se tornem simpáticos".

A catequese propriamente dita, será ministrada com a maior discricção. Trata-se de formar e não só informar. Dados os desníveis dos pacientes,

não é fácil organizar catequese coletiva. Entretanto, como a maioria, em fato de religião, se encontra na estaca zero, creio que daria bons resultados uma doutrinação em grupos, especialmente nos sanatórios. É imprescindível um trabalho conjunto entre capelães, religiosas e outros elementos idôneos. Os próprios doentes podem instruir colegas de enfermaria. As Irmãs catequistas tenham preparo especial e atualizado.

Conforme os ambientes, dá ótimos resultados a oração em comum. Sempre com discrição para não irritar ninguém. Que as orações sejam fáceis e curtas.

Quanto à recepção dos sacramentos, evite-se qualquer constrangimento por parte dos pacientes. Deixe-se absoluta liberdade ao Capelão, não se critique demais sua praxe nem se pergunte porque o tal não vai comungar. As listas dos comungantes são uma tortura para o confessor vinculado ao sigilo sacramental.

Nos chamados de urgência, informe-se sumariamente o Capelão sobre o estado espiritual do paciente. De grande utilidade se demonstrou a "ficha religiosa" que acompanha o doente desde sua entrada no hospital, até a saída.

Mas todos êstes, e outros, pormenores práticos constituem ótimo assunto para um estudo mais amplo.

O que mais importa acentuar é a maneira tática de abordar o doente. E a tática, que supera tôdas as técnicas das relações humanas, é a comandada pelo amor que nos põe a serviço do enfêrmo como se fôra o Cristo, de tal modo que, aos poucos, o enfêrmo, tomado de admiração, irá descobrindo o Cristo em nós e na nossa comunidade hospitalar, antes ainda de descobri-lo na Eucaristia.

## RELAÇÕES DAS CRIANÇAS INTERNAS COM O MEIO EXTERIOR

Um ponto muito importante e de grande influência sôbre o ambiente geral de uma obra de menores, é o que se refere às relações com o exterior. Se a obra deve oferecer ambiente natural às crianças, êsse ambiente não pode ser diferente daquele em que vivem as outras crianças da mesma idade. Ora, tôda criança em sua casa é levada a fazer passeios, e a estabelecer relações com outras pessoas. Por meio disso, alarga seus horizontes e adquire um melhor conhecimento do mundo.

O homem é um ser social — só se realiza em contato com outros. Como ninguém vive isolado, e como a sociedade não é homogênea, mas formada por elementos de tôdas as idades, condições, classes sociais e credos religiosos, temos de aprender a viver — tomar atitude, agir e reagir diante dos mais diversos tipos de pessoas, respeitando-lhes os direitos, e conservando, ao mesmo tempo, a nossa linha de conduta bem definida.

A educação de uma criança implica em sua formação para a vida, e abrange todos os pontos de sua personalidade que vão ser solicitados numa existência normal. Não consiste apenas na transmissão de conceitos. Uma pessoa educada não é apenas aquela que aceita, como certos, determinados princípios, mas aquela que, aceitando-os sabe aplicá-los em sua vida. Destinada a viver em sociedade, a criança precisa aprender a viver nela. Já que só se aprende a viver vivendo, só faremos educação completa, levando-as a viver na sociedade, ou ao menos, não as privando, de todo, do contato com ela.

É verdade que nossa sociedade está ferida moralmente. Mas sempre foi e será assim. Podemos ensinar isso às crianças, mas precisamos, mais ainda, ensinar-lhes que mesmo em um meio corrompido, uma pessoa pode conservar-se fiel aos sãos princípios.

O mundo de hoje não comporta a mediocridade. Ou uma pessoa se firma no bem, ou é levada pelo mal. Se queremos formar para a vida, não podemos contentar-nos em afastar-nos, em afastar tôdas as dificuldades que a criança possa encontrar. Ao sair da obra, num meio totalmente desconhecido para ela, ficará perplexa, sem saber tomar atitude, e acabará fracassando. Certo dia, a Diretora de uma obra procurou a Assistente Social porque uma adolescente que frequenta fora o curso ginásial, chegara em casa queixando-se de que na rua, um homem lhe dirigira palavras inconvenientes. A Diretoria queria transferir a menina para um internato onde houvesse o curso secundário, ficando então livre de responsabilidades e a menina, livre de perigos. A Assistente Social foi de opinião que êsse caso veio, mais ainda, evidenciar a vantagem de F. estudar fora, continuando interna na obra. A dificuldade que encontrara na rua, talvez a primeira, mas não a última, in-

felizmente, é encontrada por qualquer moça no mundo de hoje. Estando interna, F. veio logo expor sua dificuldade à Diretora, de quem recebeu apôio, estímulo e orientação. Dêsse modo, já se vai formando para sair vitoriosa de dificuldades maiores que poderá encontrar ao ser desligada da obra. A Diretora convenceu-se disso facilmente.

Parece à primeira vista, que a solução desejada pela Diretora seja a mais indicada para casos semelhantes, entretanto, estamos convencida de que não é. Embora seja mais fácil e deixe os responsáveis mais tranquilos, coloca a menina à margem da vida tal qual se apresenta, para lançá-la, depois, de cheio, nessa vida que poderá reservar-lhe surpresas bem desagradáveis. A mãe nunca vive tranquila. O amor aos filhos, o desejo de sua felicidade, os perigos que adivinha em seus caminhos, deixam-na sempre em sobressaltos. É natural que assim esteja também o coração de quem se propôs substituir a mãe de crianças que não têm a felicidade de possuí-la.

A Diretora de obra ou Assistente Social responsável por crianças internas deve segurá-las de perto. Precisa ser prudente e cautelosa, mas que sua prudência e cautela não venham prejudicar a real formação das crianças que vivem consigo.

Sempre nos impressionamos com o relaxamento dos costumes e com a depravação da sociedade. Entretanto, no número das pessoas pervertidas, quantas não passaram por nossas mãos, ou mesmo, quantas não passaram tôda a sua infância e adolescência entre nós! A criança era boa no colégio, mas ao sair dêle, não resistiu às influências más do meio. É que muitas vêzes é considerada boa aquela que não se comporta mal, é quieta, tem poucas reações negativas, mesmo porque não tenha coragem de as manifestar. Adapta-se com facilidade na obra, é obediente, passiva, faz o que lhe é ordenado, segue bem tôda rotina. Não aprende, porém, a tomar atitudes, a reagir contra o que quer que seja. Saindo da obra, adapta-se também no meio máu que encontra, "vai na onda", como sempre, e cai.

Quando vemos cair um de nossos ex-alunos, achamos sempre muitos elementos que atuaram negativamente sôbre êle, depois que saiu da obra. Esses elementos existem, é certo, mas o nosso trabalho sôbre essa criança terá sido realmente bem feito? A formação que lhe demos, deixou-a preparada para a vida? Sabendo que é na infância que se estrutura uma personalidade, podemos avaliar a responsabilidade de todos os que se ocupam de crianças.

As relações com o exterior são necessárias para que se faça a adaptação ao meio, para que a criança aprenda a resistir a suas influências más, e também para dar mais alegria e uma vida mais normal à criança abandonada. Ela é uma criança que já sofreu. As experiências negativas de sua vida passada, a mudança, sempre grande, da vida que levava em casa para a que deve levar na obra, a ausência dos pais, e a própria obra, por melhor que seja, influem mal na criança, fazendo-a triste e infeliz. Se a fechamos, nós a obrigamos a recalcar seus sentimentos, contribuindo para agravar seu desajustamento. É preciso levá-la a distrair-se, a ter experiências mais feli-

zes, a afirmar sua personalidade, e a empregar suas energias em atividades positivas.

Parecer da Irmã Maria Sérvula Barbosa em seu Trabalho de Conclusão de Curso de Assistência Social, Congr. das Irmãs da Providência de Gap".

—X—

## CRÔNICA DOS RELIGIOSOS

### PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL DAS VOCAÇÕES ECLESIASTICAS

Dia 23 de maio, às 10 horas, inaugurou-se solenemente, na "Domus Mariae", o Primeiro Congresso Internacional de Vocações Eclesiásticas. O acontecimento chamou a atenção de todo o mundo católico. Provam-no, claramente, os números cujo significado não pode passar despercebido. Os participantes do Congresso foram mais de 500, provenientes de 34 nações. Entre os grupos mais numerosos distinguem-se: França (35), Alemanha (15), Portugal (12), Canadá (15), EE. UU. (80), México (12), Brasil (14), Colômbia (11), Chile (10), Filipinas (10), Itália (90). Além destes países, estavam representados: Áustria, Bélgica, Grã Bretanha, Irlanda, Luxemburgo, Malta, Holanda, Suíça, Panamá, República Dominicana, Haiti, Argentina, Equador, Honduras, Nicarágua, Peru, Uruguai, Venezuela.

Os Delegados ao Congresso Internacional eram, na maior parte, Bispos, Reitores de Seminário, Diretores Nacionais e Diocesanos das Obras das Vocações Eclesiásticas. Não faltaram, porém, os leigos. Uma numerosa e escolhida delegação foi a do Movimento "Serra Internacional", com seu Presidente Mr. Smith, cuja sede está nos EE. UU., mas que desenvolve sua atividade benemerita em favor das Vocações, em muitas nações. Estes dados provam a atenção existente no mundo católico para com as Vocações.

Qual então o motivo para o convocação deste Congresso? O assunto geral do Congresso responde a esta dúvida: "As Vocações Eclesiásticas no mundo moderno: situações — problemas — cuidados pastorais". — Existem no mundo moderno, com relação às vocações eclesísticas, situações que precisam ser estudadas; não faltam problemas que devem ser resolvidos; e há cuidados pastorais que merecem ser conhecidos, confrontados uns com os outros e melhorados em toda a parte.

Algumas características do mundo moderno: em todos os países, mais ou menos, verifica-se a rápida passagem das populações, das atividades agrícolas às industriais. Procura-se o bem-estar econômico e um melhor conforto da vida. Este imenso movimento de populações é acompanhado sempre, em primeira fase, de uma diminuição de Vocações eclesísticas, que nos tempos passados provinham em grande parte, das famílias dadas à agricultura. Isto não significa que a Igreja Católica esteja em declínio, mas apenas que algumas fontes tradicionais de vocações se extinguem, enquanto outras nascentes não estão ainda a jorrar suficientemente. Uma vez vencidos os primeiros anos difíceis, normalizando-se a cura de almas, as vocações voltarão a florescer numerosas e ótimas.

O Congresso, servindo-se das conclusões de um cuidadoso inquérito, feito em todas as partes do mundo, cerca de mil dioceses, apresentou dados interessantíssimos relativos a estas situações. Ficou evidenciado que as situações são bastante complexas e variam de continente para continente, de nação para nação, de diocese para diocese.

Ficou patente que uma dificuldade é comum em muitos países: na corrida rápida que muitas populações estão fazendo para um melhor bem-estar econômico, acontece, com frequência, que muitas famílias são vítimas de uma propaganda política absoluta-

mente anticristã. O mal-estar económico é explorado como arma anti-religiosa. É evidente que nestas famílias, desorientadas por esta dementada propaganda política, falta o sereno clima espiritual, apto ao florescer das Vocações. A seguir, à medida que as famílias se libertam das dificuldades e das privações, é o próprio bem-estar que alcançaram que leva a um relaxamento religioso, ou a uma ansiosa procura de divertimento, como se tentassem satisfazer de um trago todos os desejos por muito tempo não realizados. Os jovens, influenciados por este ambiente edonístico, não parecem estar em boas condições para seguir um chamado para uma vida que exige renúncias e sacrifícios. Dificuldades estas que aparecem com vários matizes por toda a parte não são todavia a "morte" das vocações, mas apenas um obstáculo, um empecilho. Quando, a seguir, a ação pastoral atinge estas famílias em via de sistematização, supre a sua formação e toca o coração e a inteligência de tantos e bons adolescentes e de novo se abre o caminho das Vocações.

Três grandes problemas resultam desta constatação. O primeiro é o das vocações de crianças e de adolescentes, o segundo o das vocações de jovens de maior idade e de adultos e por fim o da perseverança até as alturas do Sacerdócio.

Quanto ao primeiro problema, encarado já pela Igreja Católica desde o Concílio de Trento, ocorre dizer que não têm hoje menos peso as razões para promover as Vocações Sacerdotais entre as crianças e adolescentes. Ouve-se dizer às vezes: "deixemos que estas crianças cresçam; quando forem maiores, tomarão as suas decisões". Tal opinião poderia até ser fundada em experiências pessoais, mas não passa de uma opinião que não se harmoniza com as maternas preocupações constantemente expressas, da Igreja. Mesmo na idade menor, Deus chama efetivamente ao Sacerdócio. Mesmo as crianças estão já em condições de disinsuir a vida sacerdotal da vida comum, como as criancinhas podem distinguir o Pão Eucarístico do pão comum. É perfeitamente legítima a preocupação dos Pastores de alma de que a beleza do Sacerdócio seja apresentada, adequadamente, com o melhor método e no momento próprio, mesmo às crianças e aos adolescentes que têm os requisitos necessários para corresponder ao chamado divino.

Este afetuoso cuidado das crianças e dos adolescentes não diminui porém a importância do aumento das vocações entre os jovens de maior idade. É um facto que se repete em todas as partes do mundo, sobretudo nas regiões que atingiram um maior desenvolvimento escolar, industrial e económico. Fato impressionante, pois revela a irreprimível vitalidade da Igreja Católica. Suscita ele, naturalmente, muitos problemas que devem ser resolvidos, quer preliminarmente, isto é, o exame da existência da vocação e das necessárias qualidades, quer da escolha do sistema seminarístico a ser adotado e do programa de estudos quer ainda um plano mais profundo da aquisição da mentalidade sacerdotal que não se improvise em poucos anos.

Um terceiro problema conexo com os precedentes, é o da perseverança, problema este que preocupa os Pastores de almas, os responsáveis dos Seminários e as famílias dos candidatos ao sacerdócio.

Buscando a solução deste problema sempre se deve contar com um número razoável e aceitável de jovens que voltam aos estudos civis, depois de terem experimentado a vida seminarística. As soluções se encontram em um conjunto de aspectos favoráveis à perseverança que não deveriam nunca ser separados uns dos outros: o contínuo melhoramento do sistema educativo do seminário, em harmonia com as sápienas normas dadas pela Igreja; a cuidadosa escolha inicial das vocações de modo que a reta intenção e as qualidades positivas dos candidatos sejam notórias desde o princípio; a carinhosa colaboração das famílias dos seminaristas e dos sacerdotes que com eles têm contatos. A perseverança também é fruto, não só da graça divina, mas ainda de uma constante, profunda e unânime colaboração de muitas pessoas. Seria sumamente útil para esta seleção vocacional que os Promotores de Vocações se dedicassem somente a este género de apostolado, livres de outras ocupações e que nos seminários houvesse um preparo direto para este trabalho futuro. Esta última consideração nos leva a considerações dos cuidados pastorais relativos às vocações no mundo moderno.

Estes cuidados pastorais são felizmente condensados em uma simples expressão: "das Vocações espontâneas às Vocações cultivadas".

Se o cultivo acertado das Vocações é dever grave e proeminente dos Pastores de almas, torna-se cada dia mais clara a responsabilidade dos leigos: pais, mestres, educadores e responsáveis pelas associações católicas. O interesse pelas vocações fica sendo, de certo modo, a nobre preocupação de toda a comunidade cristã de uma paróquia, de uma diocese, de uma nação, e mais propriamente, do mundo inteiro. Por isso, os fiéis, conforme as claras diretrizes do Magistério da Igreja, devem conhecer sempre melhor a doutrina sobre o Sacerdócio. Da fé no Sacerdócio nasce a estima pelo Sacerdócio, a colaboração com o Sacerdócio. A forma mais elevada de colaboração será a de continuar o Sacerdócio; os pais sentir-se-ão honrados por ver crescer na sua pacífica família cristã uma criança ou um jovem que um dia poderá subir os degraus do altar; os mestres e educadores serão mais sensíveis ao delicadíssimo dever de alimentar nos melhores alunos o conhecimento, o respeito e o afeto pelo Sacerdócio; os responsáveis pelas associações católicas timbrarão na atividade em favor das vocações. Por sua vez a Obra das Vocações, agindo em todos os níveis — mundial, nacional, diocesano e paroquial — reunirá esta maravilhosa riqueza de esforços e de boas vontades para um ordenado projeto de atividade, encarando confiadamente o futuro.

Vê-se por esta simples exposição que o Primeiro Congresso Internacional de Vocações Eclesiásticas teve características não só de atualidade, mas também de extrema importância. Bastaria acenar ao fato em si importante de ter sido o Congresso organizado pela Sagrada Congregação dos Seminários, ou seja pelo Dicasterio da Igreja que superintende a formação do Clero em toda a parte do mundo, realizado sob a alta presidência do Cardeal José Pizzardo, Prefeito da Congregação dos Seminários, e sob a direção efetiva de Sua Excia. Mons. Dino Staffa, Secretário da mesma Congregação. Os vários temas foram tratados por ilustres personagens, bem conhecidos pela sua competência e experiência, entre os quais: dois Cardeais — Koenig, Arcebispo de Viena e Garibi y Ribera Arcebispo de Guadalajara, México — quatro Arcebispos — Garrone de Toulouse, Olaschea Loizaga, de Valencia (impedido na última hora por doença); De Bazelaire, de Chambéry, Silva Santiago de Concepcion, Chile — cinco Bispos — Wright de Pittsburg, Paré de Chicoutimi, Canadá, Chalvo de Guatequaychu, Argentina, Fulton Sheen, Auxiliar de N. York, Marchetti Zioni, Auxiliar de S. Paulo Brasil — quatro Diretores ou Delegados Nacionais das Obra das Vocações — Izard, da Franca; Delevort da Holanda; Scheuble, da Alemanha e Mc Laughlin dos EE. UU.

Os trabalhos do Congresso foram facilitados com as traduções simultâneas em seis línguas e com ambiente confortável e moderno da "Domus Mariae", grandiosa casa, construída em Roma de propósito para acolher congressos nacionais e internacionais, inclusive a Conferência dos Bispos da Terra Santa.

Cón. Fernando Ribeiro, Diretor da O. V. S. do Rio de Janeiro.

## BEATO VICENTE PALLOTTI SERÁ CANONIZADO!

Com alegria podemos anunciar aos devotos do B. Vicente Pallotti e a todos os amigos dos Padres Palotinos e da Sociedade do Apostolado Católico, que foi encerrado o processo para a canonização de Vicente Pallotti.

Sob a presidência do Papa João XXIII, a assembléa geral dos Cardeais e Prelados da Sagrada Congregação dos Ritos aprovou no dia 6 de março último os dois milagres requeridos para a canonização. O decreto de aprovação dos dois milagres foi lido e promulgado na assembléa de 6 de abril, ocasião em que o Santo Padre promulgou também o decreto "TUTO" com o qual declarou solenemente que se pode "com segurança" (tuto) proceder à canonização.

E-nos grato recordar o andamento do processo. Após a beatificação, realizada a 22 de janeiro de 1950, dia do centenário da morte de Vicente Pallotti, foram dirigidos ao Santo Padre inúmeros pedidos para que elevasse o Beato à honra máxima que a Igreja dá a seus filhos. Destacamos entre os mais eminentes requerentes o Vicariato Geral de Roma, sua cidade natal, os cardeais Spellman, de Nova Ior-

que, Frings, de Colônia, Rodríguez, de Santiago do Chile, e Innitzer, de Viena; além de 10 arcebispos, 31 bispos e vários institutos e associações eclesiásticas.

Para a canonização a Santa Sé exige dois milagres verídicos verificados depois da beatificação. O Promotor Geral, tendo recebido várias narrativas de milagres realizados pela intercessão do Beato Vicente, selecionou cinco deles e os apresentou a um dos médicos da Sag. Congregação dos Ritos. Este por sua vez escolheu dois que prometiam sucesso mais rápido no processo.

Tomando conhecimento dos requerimentos e dos relatórios das curas extraordinárias, os Emms. Cardeais da S. C. R. resolveram reassumir o processo, encerrado em sua primeira parte com a beatificação.

Uma vez reaberto o processo o Postulador Geral podia propor os relatórios provisórios das curas, para o exame oficial nas dioceses onde se deram as mesmas.

O primeiro milagre se deu em Roccaseca dei Volsi, diocese de Priverno na Itália: O camponês Angelo Balzarini foi acometido de um tumor maligno na nuca, que lhe trouxe inflamação do pescoço e do peito, febre, contínua e cruciante dor de cabeça, perda dos sentidos e infecção geral do sangue. Tendo sido desenganado pelos médicos, foi curado em apenas quinze minutos pela aplicação de uma relíquia do Beato Vicente Pallotti no tumor.

O segundo milagre teve seu processo oficial no Vicariato Geral de Roma, pois o milagre se deu nessa cidade com o Rvmo. Pe. Adalberto Turowski, então Superior Geral na Séc. do Apostolado Católico. Depois de melíflora operação sofreu complicações gerais: infecção tóxica, colapso cardíaco, estado de coma, corpo banhado por suor frio, extremidades do corpo geladas e roxeadas. Pe. Turowski trazia consigo uma relíquia do B. Vicente e assim que foi internado começaram a fazer uma novena que terminou justamente no dia de sua cura. O médico assistente afirma que tendo ido ao quarto para assistir a morte do padre, foi surpreendido por uma mudança radical em cinco minutos.

Quanta importância dá, e com quanta seriedade e exatidão examina a Igreja os milagres, podemos admirar nesses casos em si patentes. O processo de Priverno durou de 7 de agosto a 15 de novembro de 1953, tendo sido realizadas 18 sessões, ouvidas 9 testemunhas e com o conselho de dois médicos profissionais. O processo de Roma, começado em 11 de dezembro de 1953, só terminou a 27 de março de 1954.

E tenha-se em conta que esses processos são apenas informativos. Não emitem sentença alguma servindo apenas como base para o julgamento da Sagrada Congregação dos Ritos.

Utilizando-se destes processos de informação, a S.C.R. iniciou em 1954 o verdadeiro processo sobre os milagres, o qual teve seu desfecho favorável na assembléa geral de 6 de março do corrente ano.

Este processo, parece-nos um tanto prolongada, mas na realidade não é, pois a Igreja não costuma precipitar-se e tem no fator tempo um importante conselheiro, especialmente no tocante à prova de curas definitivas. Não resta dúvida, porém, que influíram nesta demora a morte do Papa Pio XII; a morte do próprio Pe. Turowski em dezembro de 1959; e a necessidade de mudar por duas vezes o "Promotor Fidei", apelidado pelo povo romano de "Advogado do Diabo", e ao qual compete procurar que ninguém receba a honra dos altares sem a merecer.

Estando completo o processo falta apenas a fixação da data para a canonização. Tudo indica que esta será marcada por S.S. João XXIII, para o tempo do Concílio Ecumênico.

Esperamos com ansiedade este dia, em que a Santa Mãe Igreja apontará ao mundo este seu filho como nova luz colocada sobre o monte, novo astro de fulgurante beleza: "São Vicente Pallotti".

Pe. Damião S. A. C.

## CURSO SOBRE PASTORAL VOCACIONAL NO RIO GRANDE DO SUL

Graças à perseverante dedicação do Rvdmo. Pe. Victor Steffen, S. J., e dos Rvdmos Pes. Mateus Giuliani, S. A. C., e Aloisio Weber, M. S. F., teve a grande satisfação de dar três cursos de Pastoral Vocacional nos núcleos sulriograndenses de Caxias do Sul, Santa Maria e Passo Fundo.

Cada curso durou 4 dias completos, e os dois primeiros se terminaram por uma comovente missa de encerramento. Em Caxias, as Irmãs de São José hospedaram o curso, em Santa Maria foram as Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, e em P. Fundo as Irmãs de Notre Dame. 10 Institutos Religiosos participaram do curso de S. Maria, e igual número em P. Fundo; entre outros destacaram-se os PP. Palotinos, Redentoristas, da Sagrada Família e os Irmãos Maristas.

Os seguintes temas, com algumas variantes, foram abordados:

Primeiro dia: — objetivos e fins da campanha vocacional, na presente conjuntura nacional e mundial;

- natureza da vocação: quem chama? a quem? de que maneira? para que?
- sinais da vocação. Vocação e Psicologia.
- Catequese passada, presente e ideal do Sacerdócio.

Segundo dia: — Requisitos ideais duma boa catequese dos conselhos evangélicos.

- Como dar "aulas vocacionais" no quadro das aulas de religião?
- Como organizar círculos vocacionais de menores e de maiores?
- Técnica de apresentação do chamamento coletivo à vida sacerdotal e religiosa. Importância do retiro fechado de escola.

Terceiro dia: — Celibato do Clero.

- Problemas, direitos, deveres e objeções dos Pais perante a vocação.
- Publicidade vocacional; a formação de zeladoras paroquias.
- Responsabilidade das Religiosas no cultivo das vocações sacerdotais.

Quarto dia: — Papel das promotoras vocacionais locais.

- o cultivo das vocações no meio estudantil e profissional.
- Condicionamento, exame, seleção e orientação das vocações.
- a vocação religiosa feminina no Evangelho e na Igreja.

Encerramento: pressupostos e consequências vocacionais do culto prestado ao S. Coração de Jesus; alcance vocacional da motivação da comunhão frequente.

Cada palestra foi seguida de debates, não raramente apaixonados! Uma sessão especial foi, em cada lugar, reservada aos representantes dos vários Institutos religiosos que, depois de ter dialogado entre si sobre os assuntos já anunciados, responderam às seguintes perguntas.

- 1) até que ponto eram verdadeiras, precisas e completas as nossas noções anteriores sobre a natureza da vocação sacerdotal e religiosa?
- 2) será oportuno ou não estabelecer em nossos educandários aulas vocacionais mensais no quadro das aulas de religião?
- 3) ser ou não desejável instituir círculos vocacionais?
- 4) de que maneira poderíamos falar regularmente nas estações radiofônicas, em particular sobre as nossas obras sociais e a vocação, e de que maneira poderíamos nos preparar para isso?
- 5) dificuldades oriundas da aplicação concreta das resoluções dos Superiores Maiores do Brasil a respeito da admissão de elementos de cô-préta ou mula'a, e que esforços foram feitos para cultivar vocações neste meio?
- 6) Possibilidades de propor às Superiores Religiosas no Brasil a designação de promotoras e recrutadoras?
- 7) o que as Religiosas podem fazer pelas vocações sacerdotais?

Preciosas sugestões foram feitas por ocasião destes debates. Em particular, a nova lei de Diretrizes e Bases oferece oportunidade para aulas vocacionais, através das aulas de orientação educacional, e das sessões de orientação profissional.

Compareceram alguns leigos, registrando-se em Caxias, 50, em S. Maria 70, em P. Fundo 120 cursistas, inclusive a totalidade do corpo discente do Seminário Maior dos PP. da Sagrada Família.

Os Exmos. Srs. Bispos diocesanos de Caxias e Santa Maria, Dom Benedito Zorzi e Dom Luis Sartori, dirigiram a palavra aos cursistas, trazendo com eloquência os frutos de sua experiência pastoral. Em Passo Fundo, Dom Claudío Colling, ausente, foi representado por seu Vigário Geral.

Tais cursos poderiam ser repetidos com proveito em outras secções estaduais da CRB pelo Brasil afora! Pe. Bertrand de Margerie S. J.

### REUNIÃO DE RELIGIOSAS ENFERMEIRAS — CURITIBA

Por ocasião do XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM realizado em Curitiba, de 15 a 22 de julho a C.R.B. através do D.A.S. de Curitiba promoveu uma reunião de religiosas enfermeiras, na tarde do dia 20 de julho.

Nesta reunião foi feita uma tomada de conta dos trabalhos realizados nos diversos D.A.S. das Secções estaduais da C.R.B. e trocadas idéias sobre planos de trabalho para o futuro.

**Boletim de informações para Religiosas enfermeiras:** Foi lançada a idéia de se publicar um Boletim informativo com notícias relativas ao campo da enfermagem. A idéia vai ser estudada para se concretizar. Antes de sua realização, a Revista da C.R.B. publicará as notícias de maior interesse.

Seria de grande proveito que a Revista da C.R.B. tivesse divulgação maior em tôdas as Comunidades Religiosas e que uma religiosa se encarregasse de anunciar às outras as oportunidades de leitura encontradas nela.

**Participação das religiosas na ABEn:** (Associação Brasileira de Enfermagem). Foi feita indagação entre as religiosas presentes a esta reunião sobre o estado de entrosamento entre as religiosas e enfermeiras ligas na ABEn. e as informações esclareceram que há um clima de compreensão e de interesse mútuo. Foi aconselhado pelo Revmo. Pe. Filippelli que as religiosas enfermeiras participem ativamente o quanto possível nos trabalhos da ABEn e que também as Auxiliares de Enfermagem iniciem um trabalho de aproximação nos núcleos das Associações de Auxiliares de Enfermagem que estão se formando nos diferentes Estados.

Nosso mal é segregacionismo! Devemos nos entrosar o mais possível para fazermos o bem ao próximo e dêle recebermos benefício.

### SEMANA DE ESTUDOS PARA RELIGIOSAS ENFERMEIRAS — S. PAULO

No período de 2 a 7 de julho do corrente ano foi promovida em São Paulo uma "Semana de Estudos" para as religiosas dedicadas ao serviço hospitalar.

O programa elaborado continha assuntos relacionados com os diferentes setores da atividade hospitalar; Catequese dos doentes; O ambiente do hospital; O Serviço de Enfermagem; O Serviço de Nutrição e Dietética; O Serviço Social Médico; Os Serviços Gerais: lavanderia, rouparia, limpeza e ainda "O ponto de vista do médico e do Administrador sobre as religiosas".

O número de religiosas que participou foi relativamente pequeno sendo inscritas apenas 78, representando 30 hospitais, uma vez que o Estado de São Paulo possui 167 hospitais com religiosas. Desconhecendo os motivos desta abstenção e julgando que eles sejam justificáveis, informamos que o encontro nesta "Semana de Estudos" foi muito proveitoso e valemo-nos da oportunidade para alertar a tôdas as religiosas que outros encontros serão programados e neles esperamos contar com maior número delas.

Entre as recomendações a que chegamos através da exposição dos assuntos pelos conferencistas e das discussões em grupos, destacamos as seguintes:

**Sobre a catequese dos doentes:**

Que seja constituída uma equipe de trabalho no hospital, tendo o sacerdote como líder, as religiosas e elementos auxiliares leigos para fazer um plano de trabalho de catequese.

Sobre o ambiente do hospital proporcionado pelas religiosas:

Que as religiosas contribuíam para a obtenção de um ambiente ideal para o conforto físico, psicológico e moral dos doentes no hospital.

Os trabalhos mimeografados foram enviados a todos hospitais de religiosas do Estado de São Paulo.

As religiosas de outros Estados que se interessarem pelos trabalhos, podem procurar na Revista da CRB mensalmente, que talvez publicará alguns deles.

#### ATIVIDADES DA SEÇÃO ESTADUAL DE SANTA CATARINA

Norteada pelas diretorizas da CRB-Rio e atenta a um de seus objetivos — a atualização — promove esta Seção, vez por vez, encontros em que congrega Religiosas das cinco circunscrições eclesiais do Estado.

Em 13 de dezembro último o Curso do Movimento por um Mundo Melhor, sob a competente direção da Equipe de Sorocaba reuniu mais de cento e cinquenta Irmãs na sede da CRB-Florianópolis.

Por mercê de Deus, registramos agora outro encontro, muito desejado e concretizado não obstante uma série de circunstâncias adversas, figurando entre as menores ter o Governo Estadual abolido as férias de inverno, o que impediria a vinda de Irmãs; enfim, concedeu uma quinzena de férias, mas diversas Congregações a aproveitaram para o retiro anual.

O Revmo. DOM ESTEVAO BETTENCOURT, em trânsito de Porto Alegre ao Rio, deteve-se, de 15 a 20 de julho, na pequena Florianópolis, Colégio Coração de Jesus, onde se concentraram cerca de duzentas Religiosas dos três Estados sulinos, representando quase quarenta comunidades de quinze Congregações. No início é encerramento do Curso Bíblico houve atos litúrgicos, oficiados pelo Revmo. Padre Afonso Hansen, S.J., presidente da Seção Estadual.

Nas vinte conferências, foram abordados assuntos preciosos dentro do amplo tema geral:

Pontos obscuros da História Sagrada.

O sentido cristão dos Salmos.

Os Santos Evangelhos

Introdução no Epistolário Paulino...

Notável teólogo e exegeta, de alto gabarito cultural, Dom Estevão Bettencourt cumpriu intenso programa nesta cidade, inclusive nas Rádio Diário da Manhã e Guarujá, na Igreja de São Francisco, a convite do Exmo. Arcebispo Coadjuutor Dom Felício César de C. Vasconcelos e, para intelectuais sobre Ciência e Fé, convidado pelo Centro Acadêmico, na Faculdade de Direito. Declinou um advogado que as conferências de Dom Estevão deveriam repetir-se mensalmente aqui; um médico desejam feitas, em outra oportunidade, aos Estudantes agora ausentes. Diversos sacerdotes acompanharam, com grande proveito disseram, todo o Curso Bíblico, afirmando um deles que nos seus vinte e cinco anos de sacerdócio dedicados ao estudo constante da Bíblia jamais ouviu ou leu explanações tão concisas, claras e completas como as deste Curso.

O positivo testemunho dos Sacerdotes e leigos, confirma o de todas as Religiosas: foi uma Semana Bíblica verdadeiramente abençoada. Graças a Deus. E ao Revmo. Dom Estevão Bettencourt o reconhecimento, a sincera gratidão da CRB — Florianópolis.

#### BIBLIOGRAFIA —

Frei Lucas Moreira Neves O.P. — SACERDOTES A SERVIÇO DA FAMÍLIA. — Um manual para os Assistentes Eclesiásticos do MFG. (Col.: "Forma Gregis", I). Rio de Janeiro, Agir, 1962. 192 pgs.

Na busca de novas formas de pastoral para a restauração cristã de uma sociedade profundamente des-cristianizada em suas formas de vida e de ação, um novo movimento, nascido quase às

vésperas do Concílio Ecumênico, o qual da reconstrução cristã da família quer começar a reconstrução da sociedade cristã, está agora encontrando eco entre os pastores de almas e principalm-

te entre os mais interessados: os casais. É o Movimento Familiar Cristão (MFC).

(Na verdade, até agora, a pastoral dirigiu-se para um apostolado mais individual do que coletivo: visava-se o indivíduo em si, e não o meio em que este indivíduo, homem, mulher, rapaz ou moça, solteiro ou casado, vive a sua vida. No esforço para uma vida autenticamente cristã o indivíduo encontra uma barreira intransponível devido ao meio ambiente de vida e de trabalho em que nada encontra de cristão, de espiritual, quando não uma oposição sistemática com convicções e prática, oposição agravada ainda mais pelos problemas sempre crescentes da vida moderna, principalmente urbana. Daí a realidade: cristãos nos domingos, dentro da igreja; pagãos, materialistas, no trabalho e até na intimidade do lar.

Para que o cristão possa viver a sua vida de fé deve encontrar o meio-ambiente que lhe possibilite essa vivência cristã, a começar de sua primeira sociedade, o lar, para levá-la ao ambiente da sociedade que o rodeia. Porque espôsas encontravam na própria família a maior dificuldade para se tornarem espôsas cristãs? e moços, moças, sonhando com um ideal sublime, não encontravam receptividade nem da parte dos próprios pais? Todos iam à missa aos domingos todos faziam sua páscoa, mas quem deles poderia dizer que vivia cristãmente?

O MFC vem preencher essa lacuna com seu lema: "Restaurar a família em Cristo".

As esperiências a que assistimos vêm demonstrar a necessidade e a praticidade do Movimento. Pelos meios e pelos métodos adotados vem despertar não a curiosidade, mas o interesse profundo e sincero do casal que no Movimento ve-se realizado.

É um apostolado leigo. São leigos que dirigem e orientam as reuniões. Mas o espírito de apostolado que vem animando estes casais tem sido até agora um estímulo e, porque não dizer, quase uma repreensão a quem de perto pôde lhes admirar a fé no ideal da sublimidade do sacramento do matrimônio, a nós sacerdotes que tantas vezes assistimos a esse sacramento sem saber mostrar aos espôsas nada da santidade e da

grandeza que esse sacramento encerra. São ele e ela que fazem apostolado, não sózinhos, mas trabalhando juntos, como espôsas e não como indivíduos. E daí uma nova mística que nasce, a mística do matrimônio, até agora por nós pouco estudada e nada pregada.

Depois das muito poucas publicações a respeito do MFC, e quase todas para uso interno do mesmo, eis aí o livro do Frei Lucas Moreira Neves, Vice-Assistente Nacional do Movimento, a primeira publicação brasileira que pode atingir o público, sobretudo sacerdotes, aos quais se dirige.

Depois da Introdução em que o Autor apresenta o MFC aos Sacerdotes (já publicada nas páginas desta Revista), mostra-se o que é o Movimento em si e sua importância na vida da paróquia, qual será a presença do Sacerdote nos Círculos Matrimoniais e nas equipes de Nazaré, para se tornar depois diretor espiritual dos casais e poder orientar os retiros matrimoniais que formam almas generosas para este apostolado específico. A última parte: "Em busca de uma pastoral familiar", estuda as grandes linhas deste apostolado, respondendo às questões: "que é pastoral familiar? que tem sido ela na vida da Igreja?, que exige ela e que produz? Que contribuição lhe traz o MFC? e que adianta à pastoral familiar a atuação dos padres no MFC?".

Os pastores de almas conheçam esta obra e dêem vida a este movimento, pois com ele terão em mãos um instrumento fecundo de apostolado que, quando atuante, não deixará de trazer um novo sopro de espiritualidade no seio das famílias e na vida da paróquia.

Frei Jamaría

Thomas Merton — DIREÇÃO ESPIRITUAL E MEDITAÇÃO (127 pgs.) — Vozes, 1962.

É mais um opúsculo de Thomas Merton editado por Vozes e prefaciado por D. Basílio Penido, abade coadjutor de Olinda.

Conforme vem expresso no título, dois assuntos bem nítidos constituem o enredo do trabalho: Direção espiritual e Meditação.